

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA- FOA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MARIANA CORTES ALVES

**A ESTRUTURA DO DOCUMENTÁRIO: UMA ANÁLISE DO FORMATO
TELEVISIVO ASSUMIDO PELO PROGRAMA "QUE MUNDO É
ESSE?"**

VOLTA REDONDA

2018

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA- FOA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A ESTRUTURA DO DOCUMENTÁRIO: UMA ANÁLISE DO FORMATO
TELEVISIVO ASSUMIDO PELO PROGRAMA "QUE MUNDO É
ESSE?"**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo do UniFOA como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aluno:

Mariana Cortes Alves

Orientador:

Prof. Dr. Heitor da Luz Silva

VOLTA REDONDA

2018

DEDICATÓRIA

A todas as mulheres que lutam e resistem as mazelas da sociedade, e como eu, puderam chegar até aqui. Aos meus exemplos de vida e luta diária. Aos amores da minha vida: Marisa Cortes e Mayra Alves.

AGRADECIMENTO

À minha mãe Marisa Cortes, por acreditar nos meus sonhos e apoiá-los; e aos meus irmãos Mayra Alves, Carlos Alexandre e Víctor Gabriel, que sempre foram a minha base. A minha família que sempre esteve ao meu lado. O amor incondicional de vocês foi o meu maior combustível. Ao meu orientador Heitor da Luz Silva, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos. A todos os professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica. Aos amigos que caminharam ao meu lado nesta jornada e me encorajaram quando cogitei desistir. Ao meu melhor amigo, Kauan Lippi que esteve ao meu lado a todo o momento me dando todo apoio possível. Ao BelaDola, pelos risos e lágrimas compartilhadas. Ao meu cachorrinho Billy, que me acompanha nas madrugadas de estudo desde o início desta caminhada. Ao meu gatinho Pipoca, que me acalenta e faz companhia em todas as

madrugadas de estudos. E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada!

“Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo; todo homem é um pedaço do continente, uma parte da terra firme. Se um torrão de terra for levado pelo mar, a Europa fica diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse o solar dos teus amigos ou o teu próprio; a morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte do gênero humano, e por isso não me perguntes por quem os sinos dobram; eles dobram por ti.”

- John Donne

RESUMO

Tendo como tema o documentário e a sua linguagem, o presente trabalho tem como objeto de análise o programa “Que mundo é esse?”, transmitido pelo canal a cabo *GloboNews*, partindo da aposta de que o programa apresenta uma forma de exploração do modo expositivo de realização de documentário. Para tanto foi realizada pesquisa bibliográfica sobre gêneros e formatos, o conceito e a história do documentário, traçando a trajetória deste gênero na TV brasileira. Foi feito ainda um levantamento acerca do canal *Globo News*, explorando sua grade de programação, na qual está inserido o programa em estudo e que é apresentado em episódios, dos quais seis foram selecionados para uma análise de conteúdo de cada um focando em sua estrutura, suas abordagens e recursos de linguagem utilizados. Por meio desta pesquisa confirmou-se a hipótese da exploração pelo programa do modo expositivo, porém percebeu-se a co-existência de exploração de outros modos, como por exemplo o participativo e o observativo.

Palavras - chave: programa; Globo News; documentário; expositivo.

ABSTRACT

Having as a theme the documentary and its language, the present work has as object of analysis the program "*Que Mundo é Esse?*", Transmitted by cable channel GloboNews, starting from the advantage that the program presents a form of exploration of the expositive mode of realization of documentary. For this, a bibliographical research was carried out on genres and formats, the concept and history of the documentary, tracing the trajectory of this genre in Brazilian TV. A survey was also made on the Globo News channel. Exploring its programming grid in which the study program is inserted, which is presented in episodes, of which six were selected for a content analysis of each one focusing on its structure, its approaches and language resources used. Through this research the hypothesis of exploration by the program was confirmed in the expository mode, but the exploration coexistence was observed in other ways, such as participatory and observational.

Key words: program; Globo News; documentary; expository.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	O DOCUMENTÁRIO E SEUS FORMATOS	16
	2.1 Categorias, gêneros e formatos televisivos	16
	2.2 O formato televisivo	20
	2.3 Documentários	22
	2.3.1 A narrativa do documentário	23
	2.3.2 Os tipos/modos de documentário	25
3	SOBRE A TELEVISÃO E O DOCUMENTÁRIO	28
	3.1 A história do documentário na televisão brasileira	28
	3.2 Na TV aberta	30
	3.3 Na TV a cabo	32
	3.4 Histórico do Globo News	35
	3.4.1 A construção do canal	36
	3.4.2 A sua programação	39
	3.5 Que mundo é esse?	43
4	ANÁLISE DO “QUE MUNDO É ESSE?”	47
	4.1 Metodologia	47
	4.2 Análise dos episódios	53
	4.2.1 “A vida dos Curdos, o maior povo do mundo sem nação”	53
	4.2.2 “O maior lixão de eletrônicos do mundo, em Gana”	58
	4.2.3 “Os extremos no deserto dos Estados Unidos: o luxo de Las Vegas e o festival Burning Man”	62
	4.2.4 “O México na era Donald Trump”	67
	4.2.5 “Que mundo é esse destaca os contrastes de Moscou”	71
	4.2.6 “Conheça a zona desmilitarizada entre as Coreias”	76
	4.3 Discussão dos resultados	80
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
6	REFERÊNCIAS	88
7	ANEXOS	94

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Michel Coeli, Felipe Ufo e André Fran no sítio arqueológico do Monte Nemrut, na Turquia, que data do século44
- Figura 2:** Apresentadores do programa e seus guias na Coreia do Norte45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Programação do <i>Globo News</i> de sábado, 19 de setembro de 2009.	41
Quadro 2: Episódios do programa e respectivas datas de exibição de acordo com o site da GloboSat.	47
Quadro 3: Divisão dos episódios por temporada conforme é mostrado pelos apresentadores no início de cada um.	49
Quadro 4: Decupagem do episódio “A vida dos Curdos, o maior povo do mundo sem nação”	53
Quadro 5: Decupagem do episódio “O maior lixão de eletrônicos do mundo, em Gana”	59
Quadro 6: Decupagem do episódio "Os extremos no deserto dos Estados Unidos: o luxo de Las Vegas e o festival Burning Man "	63
Quadro 7: Decupagem do episódio “O México na era Donald Trump”	67
Quadro 8: Decupagem do episódio “Que mundo é esse destaca os contrastes de Moscou”	72
Quadro 9: Decupagem do episódio “A separação cultural e ideológica entre a Coreia do Norte e do Sul”	77

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Demonstrativo da ocorrência dos modos representativos	81
Gráfico 2: Demonstrativo da ocorrência dos modos representativos.....	82
Gráfico 3: Demonstrativo da ocorrência dos modos representativos	82
Gráfico 4: Demonstrativo da ocorrência dos modos representativos.....	83
Gráfico 5: Demonstrativo da ocorrência dos modos representativos.....	83
Gráfico 6: Demonstrativo da ocorrência dos modos representativos.....	84
Gráfico 7: Demonstrativo da ocorrência dos modos representativos.	85

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1: Uma das primeiras programações do canal Globo News.....	94
---	----

1 INTRODUÇÃO

O documentário é um gênero cinematográfico relacionado à noção mais ampla de não ficção que trabalha com fragmentos do mundo histórico sob diversas abordagens que denotam uma amplitude de possibilidades expressivas em termos de linguagem (BERNARD, 2008). Além disso, da chegada do videoteipe na TV aberta até à segmentação com canais especializados na TV à cabo, o documentário tem sido produzido há décadas para este meio de comunicação, trazendo novas formas e questões para a produção audiovisual de não ficção. Em termos de abordagens, na televisão, o modo expositivo caracterizado pela sua lógica argumentativa baseada em comentários verbais, tem se mostrado hegemônico (NICHOLS, 2012)

Diante desse cenário, a presente pesquisa pretende analisar o programa “Que Mundo é Esse?” da *GloboNews*¹, de acordo com sua estrutura, focando em suas abordagens e nos recursos de linguagem utilizados. Parte-se da hipótese de que o programa apresentaria uma tendência de exploração dos recursos do modo expositivo de representação de documentário.

O programa em questão estreou no dia 26 de julho de 2015 com um episódio no Curdistão, país dominado pelo Estado Islâmico. As viagens são realizadas pelos amigos e apresentadores (André Fran, Michel Coeli, Felipe Ufo e Rodrigo Cebrian) que buscam com a sua coragem e, principalmente, sua curiosidade, mostrar o verdadeiro lado da história de diversos lugares ao redor do mundo que atualmente encontram-se "em conflito" e fechados para o mundo, registrando seus pontos de vista com uma câmera na mão por boa parte do tempo. Assim, eles produzem no fim das contas uma série de documentários jornalísticos que buscam retratar diversos assuntos culturais, sociais, políticos e econômicos em várias regiões do mundo.

O objetivo geral deste trabalho consiste na produção de uma monografia com os resultados de uma decupagem por minuto do programa “Que Mundo é Esse?”, tendo em vista a sua linguagem enquanto documentário produzido para TV. Já os objetivos específicos são: a) empreender um estudo teórico sobre gêneros e formatos televisivos, e em específico do gênero de documentário; b) realizar um

¹Canal de TV do grupo GloboSat.

levantamento histórico do gênero do documentário na televisão brasileira, do canal *Globo News* e do programa *Que Mundo É Esse?*; c) analisar um episódio de cada temporada, totalizando seis episódios; d) desenvolver um estudo a partir dos episódios selecionados; e) demonstrar o resultado nas análises em gráficos.

A proposta do estudo se justifica visto que uma maior produção de estudos e conteúdos sobre o assunto pode ser o início de um processo de transformação partindo da academia dentro dos cursos de Jornalismo e das suas áreas de conhecimento e estendendo-se para a realidade social. A pesquisa poderá contribuir ainda para compreender a utilização do gênero de produção do documentário e suas transformações.

Para alcançar as respostas da questão levantada, a monografia será dividida em três capítulos. O primeiro deverá abordar o conceito de documentário como produção não-ficcional, seus tipos e modos, sua classificação quanto a tema e abordagem, sua classificação quanto a gênero, além de sua relação. O segundo será composto por um histórico sobre o documentário na televisão brasileira, tanto na TV aberta e TV a cabo (fechada), e do canal *Globo News*, onde é transmitido o programa, que também terá a sua história brevemente narrada. Para finalizar, o último capítulo será analítico, selecionando episódios do programa em questão a fim de, por meio da análise de conteúdo, identificar as abordagens e recursos de linguagem de documentário utilizados, objetivando interpretar a sua estrutura enquanto programa.

2 O DOCUMENTÁRIO E SEUS FORMATOS

Neste capítulo serão abordados os conceitos das classificações quanto à categoria, gênero e formato televisivo, destacando essas classificações na televisão brasileira. Apresentaremos o conceito de documentário como produção “não-ficcional”, seus tipos e modos, além de sua classificação quanto a tema e abordagem.

2.1 Categorias, gêneros e formatos televisivos

A televisão brasileira conta com uma gama infinita de profissionais de primeira linha procurando acompanhar as grandes redes internacionais e também investe pesado, chegando a gastar alguns milhares de dólares, que mesmo em plena crise somam altas cifras gastas em telenovelas, minisséries, musicais e documentários. Esse empenho todo conquistou um vasto reconhecimento no mercado internacional, que importa esses produtos que tanto agradam um público cada vez mais amplo e pertencente a culturas tão diferentes. Esse fenômeno televisivo também despertou o interesse dos especialistas em comunicação comparada.

O êxito comercial da nossa indústria televisiva pode ser explicado pela singularidade dos conteúdos exportados, mesclando valores universais com a exuberância da nossa paisagem e o exotismo dos tipos humanos que a povoam. Se esse argumento valida a tomada de decisão dos agentes que selecionam pacotes videográficos para exibir em seus territórios, ele não é suficiente para justificar a adesão persistente dos consumidores forâneos aos nossos produtos. A chave desse enigma pode estar na configuração dos formatos televisivos aqui gerados, reproduzindo de modo criativo as matrizes hegemônicas no mercado internacional ou a elas assemelhando-se inequivocamente (SOUZA, 2015, p.10).

Distribuídos em diferentes atividades, são inúmeros os profissionais que trabalham, em televisão desenvolvendo e criando, dentre os quais, técnicos, operadores, jornalistas e muitos outros envolvidos colaboram no desenvolvimento desses programas, buscando atender a determinado gênero de produção. Ao ser humano é inerente a necessidade de classificar, ordenar objetos, pessoas e ideias separando-os em categorias de acordo com características percebidas por meio de semelhanças ou diferenças. Quando faz isso o homem está utilizando o princípio da lógica aristotélica.

Assim como em várias áreas do conhecimento, na comunicação, está classificação também se fez necessária. Portanto o estudo do gênero no meio televisivo, que utiliza de tantos recursos ricamente elaborados acabando por aproximar-se do cinema e do teatro, estreitando ainda mais a relação deste com as artes de forma geral. Deste modo, reconhecer os aspectos que influenciam a classificação dos gêneros torna-se de suma importância.

Para classificar categoria e gêneros em televisão, encontraremos também o termo formato, que é considerado próprio do meio, cujo conceito possui poucas referências científicas. O gênero de um programa está diretamente ligado a um formato. Para explicar essa relação entre o gênero e o formato, na proposta pedagógica “Debate: televisão, gênero e linguagens” (2006), para um “Salto Para o Futuro” da TV Escola, Souza recorre à Filosofia:

Aristóteles constatou que a realidade consiste em várias coisas isoladas, que representam uma unidade de forma e substância. A substância é um material de que a coisa se compõe, ao passo que a forma são as características peculiares da coisa (SOUZA, 2006, p.31).

Baseado na filosofia podemos então conceituar formato como as características de um programa, ou seja, a forma e o gênero é a substância, o tipo de programa. Segundo Souza (2004, p.37), a separação dos programas em categorias supre a necessidade de classificar os gêneros correspondentes. Para tal, cada categoria consiste vários gêneros.

Com base na pesquisa de Marques de Melo, a televisão brasileira possui três categorias: entretenimento, informação e educação, que abrangem a maioria dos gêneros. Souza apontaria ainda as categorias publicidade e outros, esta última englobando gêneros diversos como religiosos, “especiais”, eventos. (SOUZA, 2004, p.41). Essa classificação é realizada sobre a ótica das emissoras e dos demais departamentos que formulam a indústria de programação.

I. Entretenimento

Segundo Trigo (2003, p. 21) atualmente, a informação é mercadoria valiosa e seu fluxo é controlado por instituições de diversos setores:

[...] existe uma intrincada rede que agrupa em um mesmo fenômeno atividades que, na origem, são diferentes (esportes, notícias, arte,

educação, lazer, turismo, show-business), mas que se articulam enquanto mercadorias destinadas a um consumo específico caracterizado pelo prazer. Surge um grande e difuso espaço que pode ser denominado “entretenimento” – ou espetáculo, para usar a terminologia de Guy Debord. Ele perpassa todas essas atividades e possibilita transformar tudo, literalmente tudo, em mercadoria para consumo, das mais ordinárias e baratas até as pretensiosamente mais exclusivas, sofisticadas e caras (TRIGO, 2003, p.21).

Possuindo este caráter diversificado, entretenimento é a categoria que abrange o maior número de gêneros. Conforme Souza (2004) são eles: auditório, colonismo social, culinário, desenho animado, docudrama, esportivo, filme, *game show* (competição), humorístico, infantil, interativo, musical, novela, *quiz show* (perguntas e respostas), *reality show* (TV - realidade), revista, série, série brasileira, *sitcom* (comédia de situações), *talk show*, teledramaturgia (ficção), variedades, *western* (faroeste).

II. Informação

A qualidade da informação veiculada garante credibilidade às emissoras de televisão. Através de seus departamentos de comunicação que as redes cumprem seu papel de prestação de serviços, instrução e orientação a população (CONTI, 1999). Esta categoria enquadra todos os gêneros relacionados ao Jornalismo e a transmissão de notícias. São eles: debates, documentários, entrevistas e telejornais. (SOUZA, 2004).

III. Educação

Em nosso país, esta categoria está concentrada nos canais educativos ou em horários pouco lucrativos das emissoras comerciais. Segundo Souza (2004), essa categoria é dividida em dois gêneros: educativo e instrutivo. O formato instrucional qualifica para uma atividade, profissão ou até mesmo para o ensino regular. Há também os programas cujo objetivo é acrescentar um conhecimento específico ao telespectador, neste caso ocorre uma segmentação dos gêneros educativos por faixa etária.

IV. Publicidade

É fundamental a existência de uma publicidade para possibilitar a produção televisiva. “Não existe emissora que se sustente sem o patrocinador. Até as educativas já acordaram para isso e buscam apoio para suas produções com objetivos culturais”. (SOUZA, 2004, p. 155). Souza incluiu nesta categoria cinco gêneros: chamada, filme comercial, político, sorteio e tele compra.

V. Outros

Esta categoria abriga os gêneros mais peculiares. São três segundo Souza (2004, p.92): especiais, eventos e religioso. Nos especiais encontramos programas híbridos, únicos, que se aproximam de mais de uma categoria. Lembramos que continuamente os gêneros modificam-se, fundem-se e diversificam-se. Com essas modificações constantes são concebidas, muitas vezes, novas categorias e gêneros. Este processo contínuo ocorre por causa da inclusão do gênero em um cenário cultural e histórico e ao mercado que o impulsiona a satisfazer a audiência. “[...] O gênero não é, portanto, uma estrutura estática ou fixa, mas sim em constante evolução.” (SOUZA, 2004, p. 162).

Para produzirem programas sobre eventos as emissoras precisam aproveitar as oportunidades para que estes sejam transformados em programas. De acordo com a natureza do evento, o gênero poderá ser inserido em várias categorias. (SOUZA, 2004). As emissoras encontraram no gênero religioso uma fonte de renda para os horários pouco assistidos. “Os programas religiosos atendem ao crescimento das igrejas e denominações que se difundem no Brasil desde o início da década de 1980” (DE SOUZA, 2004, p.166).

De acordo com Aronchi (2006), na televisão vários formatos formam um gênero de programa. Esses gêneros de programa, agrupados formam uma categoria. O formato de um programa pode apresentar uma maneira combinada que reúne elementos de diversos gêneros, possibilitando o surgimento de outros tipos de programa. Formato é um termo próprio do meio para identificar a forma e o tipo da produção de um gênero de programa de televisão. O formato estará sempre agregado a um gênero, da mesma forma que o gênero estará diretamente ligado a uma categoria.

2.2 O formato televisivo

Sendo o gênero uma palavra que remete a agrupamento, entende-se que há elementos a ela relacionados que podem ser compreendidos como formas de expressão as quais percebemos e que transmitem a vida social, através de textos, materiais e programas com diferentes características. Essas composições são nomeadas como formato, palavra que, segundo Ferreira (1999, p.929) relaciona-se estreitamente com feitiço, feição. Portanto trata-se do que é concretamente veiculado, seja num suporte impresso, eletrônico ou digital.

O conceito de gênero na teoria e na prática surge, muda e declina por razões históricas. Cada gênero é composto de textos que se acumulam, que se agrupam como processo, e não como uma determinada categoria. Os gêneros são categorias abertas. Cada elemento altera o gênero para adicionar, contradizer, ou promover a mudança de seus constituintes, especialmente para os membros que fecham com ele. Os processos pelos quais os gêneros são estabelecidos sempre envolvem a necessidade humana de distinção e de inter-relação. Como o propósito dos críticos em estabelecer gêneros varia, é evidente que os mesmos textos podem pertencer a diferentes grupos de gêneros, servindo para diferentes propósitos genéricos (COHEN, 1986, pg.204 *apud* CREEBER, 2008, p.2).

Os formatos midiáticos estão subordinados aos gêneros e são variantes dos mesmos, desenvolvidos de acordo com suas lógicas internas, próprias e multiplicando potencialidades. É o instrumento-forma através dos quais os emissores se manifestam para proporcionar a circulação de conteúdos elaborados em harmonia com circunstâncias distintas.

Essa afirmativa nos leva a crer que a produção da mídia é, em sua totalidade, uma produção de formatos. Então, tudo que nasce nesse âmbito não é unitário. É uma multiplicidade de intenções, fazeres, realizações, são mecanismos através dos quais essa indústria comunica-se com seus receptores, sujeitos que esperam e até cobram essa diversidade de formas, das quais dependem para agir num contexto mais amplo, o social.

Segundo McQuail (2003, p.340), os formatos são “sub-rotinas para lidar com temas específicos dentro de um gênero”. Dessa forma estariam condicionados às situações em que são usados. Com isso, adotar o formato minissérie estaria ligado à finalidade do gênero dramaturgia, cujo objetivo é entreter o telespectador. Da mesma forma, o formato artigo, no jornalismo, se construiria a partir do instante em

que se deseja apreciar o gênero opinativo que tem a finalidade de avaliar os acontecimentos.

McQuail(2003, p.339-340) – baseado nos estudos de David L. Altheide e Robert P. Snow- identifica essa intervenção na produção da mídia como “lógica midiática”, que seria exatamente uma série de especificações que adaptam os meios de comunicação às suas necessidades e também, logicamente, às da audiência. Referindo-se a “um conjunto de regras e normas implícitas, que regulam como deve ser o conteúdo processado e apresentado para tornar mais vantajosas as características de um dado meio”. Os formatos, em suma, obedecem continuamente a essa lógica.

José Carlos Aronchi, em estudo sobre a programação televisiva brasileira (2004, p.45) estabelece a seguinte analogia entre a organização dos seres vivos e a organização da mídia, concluindo que enquanto, “na biologia, várias espécies constituem um gênero”, na TV, “vários formatos constituem um gênero de programa”. Portanto, formato é a unidade material ou substancial, com determinado aspecto e algumas características específicas, que diferenciam os itens de mesma natureza. Os aspectos que dão vida aos formatos são os de configuração, estrutura e modelagem de uma ideia audiovisual. Formato, portanto, é o conceito de um programa sob todos os principais elementos que o tornam único: temática, cenografia, regras.

Considerando as definições a acerca do formato, o documentário pode ser um instrumento de contextualização e aproximação entre as pessoas e os lugares que habitam bem como do mundo que as circunda. O que difere o documentário da notícia é a consequência de sua produção. Enquanto a notícia tem caráter passageiro, o documentário poderá, além de informar, trazer uma nova perspectiva sobre o mesmo assunto, visto que NICHOLS (2005, p.27), afirma que no documentário não encontramos apenas o prazer, mas também uma direção. Assim sendo, o formato do documentário propõe-nos uma nova visão sobre um assunto de relevância social que não possui resposta fechada, pois pode variar de acordo com o ponto de vista de cada um.

2.3 Documentário

O documentário geralmente é associado a algo verossímil, visto que ele é elaborado a partir do mundo real, porém ao contrário do comportamento imparcial proposto pelo jornalismo, este produto apresenta a defesa de um determinado ponto de vista do cineasta. Em relatos expostos no artigo de Consuelo Lins, sobre Documentário de Eduardo Coutinho, ela apresenta a seguinte afirmação do cineasta:

[...] a verdade da filmagem significa revelar em que situação, em que momento ela se dá – e todo o aleatório que pode acontecer nela... É importantíssima, porque revela a contingência da verdade que você tem... revela muito mais a verdade da filmagem do que a filmagem da verdade [...]
(LINS, 2004 *apud* PERES, 2007, p.2)

O simples ato de filmar já modifica a realidade. A forma das lentes, o plano, os movimentos de câmera, a edição, a inserção de uma trilha sonora completam a modificação da realidade que foi iniciada quando a câmera foi ligada.

Assim como a fotografia e artes do nosso mundo, o cinema veio como uma grande revolução. "As pessoas nunca tinham visto imagens tão fiéis a seus temas e nem testemunhado movimento aparente que transmitisse sensação tão convincente de movimento real "(NICHOLS, 2012, p.117). Os irmãos Lumière foram os primeiros a documentar através das lentes de uma câmera. Essas primeiras cenas documentais, projetadas em 1895, eram retratos do cotidiano que os irmãos exibiram no Café Paris.

A câmera que eles usavam era muito pesada, portanto não lhes dava a possibilidade de muita movimentação, com isso os filmes eram retratos de situações cotidianas fáceis de serem retratadas. Os irmãos empresários abriram o cinema com o filme "A saída dos operários", que consistia em imagens de um grupo de funcionários saindo do prédio, no qual funcionava a empresa da família. Os outros filmes dessa época não fugiam deste padrão como: "O almoço do bebê" (1895), "O Desembarque para o Congresso de Fotografia de Lyon" (1895), também produzidos pelos Lumière.

Embora o documentário tenha surgido com os irmãos Lumière no final do século XIX, a linguagem conhecida atualmente como documentário só surgiu na

década de 1920, ainda segundo Nichols. Robert Flaherty retratou uma comunidade de esquimós localizada ao norte do Canadá, e criou “*Nanook, o esquimó*”(1922), que até hoje é considerado como o primeiro filme de não ficção. O termo *documentary* (documentário), inspirado na palavra francesa *documentaire*, foi usado pela primeira vez pelo produtor inglês John Grierson, que se inspirou no filme “*Moana*” de Flaherty para escrever a crítica publicada no jornal *New York Sun*, em 8 de fevereiro de 1926.

Segundo Grierson o termo documentário “é o tratamento criativo da realidade”; compete ao documentário, e ao documentarista, “reproduzir a realidade” da maneira mais fiel possível, mesmo que para isso seja necessária à reconstrução de determinados acontecimentos. Um exemplo desta situação foi Flaherty, que precisou utilizar de cenários artificiais para produzir o local onde viviam os esquimós em *Nanook*, assim mantendo a ligação com a realidade. Para Ramos:

[...] podemos afirmar que o documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados. (RAMOS, 2000, p.22)

Segundo Nichols (2012, p.47), “representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados sejam familiares” é a missão do documentário. Já no documentário contemporâneo o tratamento da realidade acontece de acordo com as condições de produção. Com isso a produção utilizada em *Nanook* resultou em algo comum nas produções não ficcionais.

2.3.1 A narrativa do documentário

Para nos aprofundarmos no conceito de documentário faz-se necessário distinguir o caráter ficcional ou documental que um filme pode ter. A ficção é um relato que procura elementos da criatividade humana, acontecimentos que foram vividos por alguém ou meramente imaginados. Além disso, também podem ser feitas

adaptações de situações já existentes, como por exemplo, baseadas em livros (MATOS; GUERRA, 2013).

A estrutura da ficção obriga a elaboração de um roteiro ou script que reúne a totalidade de informações que são necessárias para que a obra se concretize. É exatamente no roteiro que as personagens são elaboradas, concebidas e ganham vida. Uma das mais difíceis incumbências dessa construção é a fala, pois tem que ser original, real. A junção desses elementos é que forma o roteiro. E com isso o filme começa a ganhar corpo e a partir daí as cenas podem começar a ser gravadas, e então serem organizadas, montadas e adquirem um sentido. Outro quesito importante da ficção é a serialidade, ou seja, a possibilidade da história possuir capítulos, episódios, uma forma que possa prolongar a narrativa e, assim consequentemente angariar um público fiel.

A matéria-prima dos autores da produção ficcional televisiva tem sido as obras literárias que lhes são anteriores ou contemporâneas - no caso de adaptações; ou, então, as suas próprias experiências de vida nas metrópoles, [...], ou a informação obtida nos jornais e na própria televisão - um modo de estarem sintonizados com o mundo a ser ficcionalizado em suas histórias e uma forma de o discurso jornalístico e televisivo sobre o real informar as construções do gênero ficcional. (RONDELLI, 1997, p. 153-154)

Em se tratando dos produtos não ficcionais, como o documentário, o processo de construção passa por quase todas as etapas, porém sua linguagem é totalmente distinta. Mesmo existindo um roteiro, no documentário, ele não é completamente controlável, pois não se pode prever as ações do seu entrevistado perante a câmera. O roteiro passa a ser um guia, assim orientando a ideia do filme.

O cinema não ficcional é voltado para o instante da tomada, para o transcorrer da duração na tomada e para maneira própria que este transcorrer tem de se constituir em presente, que se sucede na forma do acontecer. (MATOS; GUERRA *apud* RAMOS, 2001).

A primordial diferença entre essas produções é o apreço pela realidade, ou pelo menos pela busca da representação dela (RAMOS, 2001). O senso de investigação e a curiosidade que um documentarista possui influencia nessa linguagem. As personagens nesse filme não representam, elas existem (ZANDONADE; FAGUNDES, 2003).

Apesar das várias definições nos aspectos de gênero e tipos, o documentário tem sua função reconhecida por seus criadores, que creem no objetivo de

estabelecer um elo entre o realizador da obra e os seus receptores, permitindo assim que ocorra uma empatia que possa proporcionar uma reflexão sobre os acontecimentos do cotidiano que os cercam (ZANDONADE e FAGUNDES, 2003).

2.3.2 Os tipos/modos de documentário

O documentário pode ser classificado em dois tipos; o clássico e o moderno. Surgido no século XX, o tipo clássico baseia-se em ilustrações e narrações criadas, em sua maioria, com objetivos institucionais. Segundo Zandonade e Fagundes (2003), ele pode ser reduzido nas seguintes características estruturais: imagens rigorosamente compostas, mescla de ruídos e músicas, organização rítmica e locução em voz *off* despersonalizada.

O moderno busca, com seu público, uma relação que viabilize despertar o senso crítico, permitindo assim várias interpretações conforme a realidade de cada indivíduo. Esse tipo de documentário é caracterizado pelo jornalista Thiago Altafani, em seu trabalho publicado pela *Recensio: Revista de Comunicação e Cultura*, da seguinte forma:

Geralmente trabalha com fragmentos de uma realidade, buscando a reflexão e a compreensão aprofundada da questão abordada, deixando para o espectador o papel de relacioná-la com seu contexto histórico, econômico, político, social e cultural [...] permitindo ao espectador suas próprias conclusões. (ALTAFINI, 1999, p.1)

Além da divisão entre tipos como o clássico e o moderno, o documentário também é visto através dos seus modos de representação como espécies de subgêneros. Segundo Nicholis (2012), existem seis modos, que são: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático.

Os modos adquirem importância num determinado tempo e lugar, mas persistem e tornam-se mais universais que os movimentos. Cada modo pode surgir, em parte, como reação às limitações percebidas em outros modos, como reação às possibilidades tecnológicas e como reação a um contexto social em mudança. Entretanto, uma vez estabelecidos, os modos superpõem-se e misturam-se (NICHOLIS, 2012, p.63).

Nicholis (2012, p 62-63) definiu os modos de acordo com sua abordagem, como: modo poético, que enfatiza associações visuais, qualidades tonais ou rítmicas, passagens descritivas e organização formal. Exemplos: *A ponte* (1928), *Song of Ceyloti* (1934), *Listen to Britain* (1941), *Nuitetbrouillard* (1955), *Koyaanisqatsi* (1983). Esse modo é muito próximo do cinema experimental, pessoal

ou de vanguarda. Já o modo expositivo destaca o comentário verbal e uma lógica argumentativa. Exemplos: *The plowthatbroketheplains* (1936), *Trance and dance in Bali* (1952), *A terra espanhola* (1937), *Drifters* (1927) *Os loucos senhores* (1955), noticiários de televisão. Este modo é o mais usado no meio televisivo, é considerado como o documentário em geral.

Em se tratando do modo observativo, ele realça o engajamento direto no cotidiano das pessoas que representam o tema do cineasta, conforme são observadas por uma câmera discreta. Exemplos: *A escola* (1968), *Salesman* (1969), *Primárias* (1960), a série *Netsilikeskimos* (1967-1968), *Soldier girls* (1980), (NICHOLIS, 2012, p.62-63).

O modo participativo ressalta a interação de cineasta e tema. A filmagem acontece em entrevistas ou outras formas de envolvimento ainda mais direto. 62 Papyrus Editora Frequentemente une-se à imagem de arquivo para examinar questões históricas. Exemplos: *Crônica de um verão* (1960), *Solovetskyvlast* (1988), *Shoah* (1985), *Le chagrinetlapitié* (1970), *Kurt e Courtney* (1998), (NICHOLIS, 2012, p.62-63).

Já o modo reflexivo chama a atenção para as hipóteses e convenções que regem o cinema documentário. Aguça nossa consciência da construção da representação da realidade feita pelo filme. Exemplos: *O homem da câmera* (1929), *Terra sem pão* (1932), *The axfight* (1971), *The war game* (1966), *Reagrupamento* (1982), (NICHOLIS, 2012, p.62-63).

E o modo performático enfatiza o aspecto subjetivo ou expressivo do próprio engajamento do cineasta com seu tema e a receptividade do público a esse engajamento. Rejeita ideias de objetividade em favor de evocações e afetos. Exemplos: *Diário inconcluso* (1983), *História e memória* (1991), *The actofseeingwithonesowneyes* (1971), *Línguas desatadas* (1989), e *reality TV* da televisão, como *Cops* (um exemplo vulgar). Todos os filmes desse modo compartilham características com filmes experimentais, pessoais e de vanguarda, mas com uma ênfase vigorosa no impacto emocional e social sobre o público (NICHOLS, 2012, p.62-63).

Dada à relevância de certas ênfases que os textos dos documentários compartilham, é possível discuti-los como partes de um gênero que, por sua vez, divide-se em movimentos, períodos e modos diferentes. Segundo Nichols,

Nesses termos, o documentário mostra-se um dos gêneros mais duradouros e variados, com muitos enfoques diferentes para o desafio de representar o mundo histórico. Esses enfoques apresentam muitas das características dos filmes de ficção comuns, como a narração de histórias, mas permanecem suficientemente distintos para constituir um domínio próprio. (2012, p. 63)

Devido aos múltiplos enfoques que pode apresentar, o documentário compreende um gênero de grande relevância seja para o cinema ou para a TV, contribuindo de forma considerável nesses campos da arte.

3 SOBRE A TELEVISÃO E O DOCUMENTÁRIO

Neste capítulo será abordada a história do documentário na televisão brasileira, tanto na TV aberta e TV a cabo (fechada), e do canal *Globo News*, onde é transmitido o programa, apresentando seu cronograma de exibição inicial e quando os documentários foram inseridos nele. Para finalizar, será brevemente narrada a história do programa em questão.

3.1 A história do documentário na televisão brasileira

A televisão é um dos meios de comunicação de massa mais assíduos na vida da sociedade brasileira, mas foi após a Segunda Guerra Mundial que foi realizada a primeira transmissão de imagens no Brasil (LEAL, 2009), no dia 18 de setembro de 1950 às 17 horas em São Paulo, pela *TV Tupi-Difusora* uma emissora do *Diários Associados de Assis Chateaubriand*.

“A *TV Tupi-Difusora* começou transmitindo imagens para apenas cerca de 500 aparelhos receptores na cidade de São Paulo, mas três meses depois havia já 2 mil aparelhos funcionando ali”. O nosso país foi o primeiro da América Latina a ter uma emissora de televisão e o sexto no mundo, perdendo apenas para Inglaterra, Estados Unidos, França, Alemanha e Holanda (JAMBEIRO, 2002, p. 51).

A *TV Tupi* foi a primeira emissora da televisão brasileira e até a década de 1950 seus programas eram os mais assistidos e comentados, como a “TV de vanguarda”, “Grande Teatro Tupi”, “Clube dos Artistas”, “Almoço com as estrelas”, “Alô doçura”, “O céu é o limite” e “Noite de Gala”, além de transmissões esportivas. Na segunda metade da década, a televisão passou a ser um dos símbolos de modernidade e progresso. Com isso, foram inauguradas mais quatro emissoras de TV².

Ao fim da década de 1950, o *videotape*³ foi introduzido na produção da televisão brasileira, e assim gerou a possibilidade de cenas gravadas com antecedência e inaugurando a era da novela diária, a principal marca da TV

²Disponível em <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tv-tupi> acesso em 20/09/2018.

³Processo eletrônico de registro de imagens de televisão numa fita de matéria plástica recoberta de partículas magnéticas. Disponível em <https://www.dicio.com.br/videoteipe/> Acesso em 20 Set. 2018.

brasileira a partir de então. Foi em 1963 que a da TV Tupi de São Paulo estreou sua primeira novela, *O direito de nascer*, que usava a nova tecnologia⁴.

Após alguns anos da inserção da televisão no país o meio foi se desenvolvendo e ganhando novas emissoras e novos formatos nas programações das mesmas. Aos poucos as emissoras foram criando seus programas jornalísticos, suas telenovelas e outras diversidades de entretenimento. Uma dessas emissoras foi a TV Globo, que foi ao ar pela primeira vez em abril de 1965 (VARGAS, 2009).

De acordo com Vargas (2009) no final da década de 60, a nova emissora já havia conquistado larga audiência e já tinha realizado o termino do predomínio das duas maiores concorrentes: a *TV Tupi*, que já havia entrado em decadência após o desligamento de seu proprietário, o empresário Assis Chateaubriand, e também a *TV Excelsior* (1964-1970), que tinha perdido sua licença devido a sua falência. Em 1969, a TV Globo tinha se nacionalizado devido à decisão da CPI que estabeleceu a inconstitucionalidade do contrato com a *Time-Life* (VARGAS, 2009, p.18)

Em 1º de setembro do mesmo ano colocava no ar o primeiro programa em rede nacional, o *Jornal Nacional* (BOLAÑO, 2004, p.115). Todos esses fatores ajudaram a emissora a se consolidar mais e mais com o passar dos anos. Foi na década de 70, que *Rede Globo*, trouxe uma experiência inédita para a televisão brasileira: os programas *Globo-Shell Especial* e *Globo Repórter* (VARGAS, 2009).

Segundo Vargas (2009), os programas são grandes marcos não só na história da televisão como também na historia do documentário na televisão. O projeto ousou quando exibiu este formato em rede no maior veículo de comunicação de massa, onde valorizou as imagens e histórias nacionais, abordando-as com maior profundidade que os outros programas jornalísticos, e experimentou nova estética e linguagens, apostando na técnica do cinema documentário, que tem por base o cinema autoral. Com isso, será abordado a seguir como ocorreu esta aproximação do cinema com a televisão.

⁴ Disponível em <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tv-tupi> Acesso em 20 Set. 2018.

3.2 Na TV aberta

De acordo com Vargas (2009), este foi o boletim divulgado pela Programação da Rede Globo em novembro de 1971, no qual a empresa apresentou a sua nova produção: a estreia do programa *Globo Shell Especial*, o qual tinha como objetivo produzir diversos documentários com temática brasileira a serem exibidos na televisão. Sua primeira exibição aconteceu no dia 14 de novembro de 1971, com transmissão simultânea para o Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília. Em São Paulo, a estreia foi no dia seguinte.

Globo-Shell Especial, série de documentários jornalísticos abordando os temas mais importantes para o Brasil, começa a ir ao ar no dia 14 deste mês, quando será apresentado um documentário completo sobre a Transamazônica, dirigido por Hélio Polito. No dia 28 de novembro o assunto é Esporte e a direção é de Domingos Oliveira. No dia 12 de dezembro o documentário será sobre Arte Popular, com direção de Paulo Gil Soares; dia 26 de dezembro o tema será o Natal e a direção é também de Paulo Gil Soares; no dia 9 de janeiro será Habitação, com direção de Fernando Amaral. Estes são os documentários já prontos, mas a série Globo-Shell Especial tratará de outros temas do maior interesse para a comunidade, como turismo, alimentação, saúde, educação, cinema brasileiro, projeto Rondon, arquitetura e urbanismo, comunicação e música popular, todos focalizados de acordo com a mais moderna técnica de comunicação audiovisual, pois a maior preocupação da Rede Globo é com a qualidade dos documentários (BOLETIM, s/ número, 1971 *apud* VARGAS, 2009, p.35).

Conforme Vargas (2009) relatou, 25 documentários foram produzidos sob a logomarca do patrocinador *Shell*. Em sua primeira exibição o programa substituiu a Sessão de Gala que acontecia aos domingos, e consistia em uma faixa da programação que fazia a exibição de filmes, que em suma eram norte-americanos.

O programa foi exibido durante um ano, de novembro de 1971 até novembro de 1972, onde ele foi exibido quase sempre duas vezes por mês, aos domingos, em horários, que variavam das 22h30 às 23 horas. Em seguida a está primeira fase da serie, ela passou a ser exibida no programa *Terça Global* (programa que exibia shows, entrevistas, reportagens e documentários), sempre uma vez por mês, toda terça-feira, por volta das 23 horas. (VARGAS, 2009, p.35).

O *Globo-Shell Especial* possuiu vários criadores, um deles foi Walter Clark, que em sua autobiografia relatou que havia pedido para *Globo* criar uma faixa em sua programação para exibir os documentários brasileiros, assim gerando uma forma de atualizar a grade da emissora. O novo programa tinha de ser de — bom

gosto e ótimas imagens, já que as duas empresas envolvidas, a *TV Globo* e a *Shell*, queriam associar as suas marcas à credibilidade e à sofisticação (CLARK; PRIOLLI, 1991, p. 249).

De acordo com Vargas (2009), outro nome que se declarou como um dos idealizadores do programa foi João Carlos Magaldi. Na época Magaldi havia apresentado um projeto a *Shell do Brasil S.A.*, para patrocinar uma série mensal de documentários. Naquele período, a empresa queria se consolidar no Brasil, e nada melhor do que ser aliado a um programa sobre a cultura do país. Esta negociação só foi possível, porque naquela época a televisão aceitava que a publicidade fosse feita de forma direta, incluindo o nome da patrocinadora na logomarca do programa (BALBI, 2006).

Heidy Vargas (2009) relata que o grande idealizador foi Paulo Cesar Ferreira, na época diretor comercial da emissora. O autor explica que o programa tinha três objetivos básicos. O primeiro era atender ao cliente: — Naquele tempo, a *Shell*, uma empresa multinacional holandesa, estava entrando no mercado brasileiro e queria associar a sua imagem a coisas bem brasileiras. Em segundo lugar, levantar a arrecadação publicitária da *TV Globo*; e em terceiro: atrair para a televisão cineastas brasileiros (LOBO, 2008 *apud* VARGAS, 2009, p.37).

O programa se manteve no ar como *Globo Shell Especial* por mais de um ano, de novembro de 1971 até abril de 1973. Durante maio de 1973 até março de 1974, foram transmitidas *reprises* da série como *Globo Repórter Documento: Globo-Shell Especial*, e alguns documentários inéditos. Durante a retrospectiva do *Globo Repórter* do melhores momentos do *Globo Shell Especial* foram exibidos sete documentários inéditos até o dia 27 de março de 1974, o qual foi seu último dia de exibição. E foi assim que a *Shell* concluiu o projeto e desistiu de continuar com o horário, pois já havia alcançado seu objetivo de consolidação da marca (VARGAS, 2009).

O custo alto da série foi um dos grandes motivos para a suspensão do programa (CINEMA NOVO, 19/07/1972, p. 72) ⁶. A direção de jornalismo da *Rede*

⁵Multinacional distribuidora de combustíveis.

⁶Relatos da *Veja* em matéria na época da finalização do programa (CINEMA NOVO. *Veja*, São Paulo, 19 jul.1972, p. 72).

Globo na época repensou a sua programação e começou a realizar mudanças em sua grade. A empresa fez novos investimentos no jornalismo, aumentou o tempo do Jornal Nacional de 15 minutos e para 25 minutos (MEMÓRIA, 2004, p. 33) e planejou para abril de 1973 a estreia de um — novo programa jornalístico: o *Globo Repórter* (BOLETIM, nº 138, 21/12/1972 *apud* VARGAS, 2009, p.39).

O novo programa teria um revezamento semanal de assuntos de interesse geral, focando sempre em acontecimentos do cotidiano dos brasileiros, apresentaria grandes experiências científicas com uma linguagem clara e concisa (VARGAS, 2009, p.40).

De acordo com Rodrigues (2008), o *Globo Repórter* é o programa de documentário jornalístico mais antigo da televisão brasileira. Ele foi exibido pela primeira vez no dia 3 de abril de 1973, terça feira, às 23 horas, no qual, foi exibido “os melhores momentos de Emerson Fittipaldi”. Na semana após sua estreia, o programa não foi apresentado devido à transmissão do *Grammy Awards*⁷. Logo após isso o horário foi ocupado pelo programa de entrevista de Jô Soares, *Globo Gente*⁸ (SACRAMENTO, 1978).

O *Globo Repórter* só começou a fazer parte da grade definitiva da emissora quatro meses depois do seu lançamento, em 7 de agosto de 1973, com o nome *Globo Repórter Atualidade*, o qual foi dirigido por Walter Lima Júnior e Paulo Gil Soares (RODRIGUES, 2008). Desde sua estreia, o programa é um campeão de audiência, de acordo com a TV Globo, 75% dos brasileiros nas noites de sexta assistem ao programa. Além da tradicional exibição às sextas-feiras na TV aberta, o *Globo Repórter* é reprisado aos sábados e domingos, no canal por assinatura da Rede Globo, *Globo News*.

3.3 Na TV a cabo

O Brasil iniciou tarde a distribuição de canais pagos, levando em consideração que países vizinhos como Argentina, Colômbia e Bolívia, já operavam este tipo serviço há alguns anos. Contudo, o fato de ter demorado tanto para

⁷ Cerimônia de premiação da "Academia Nacional de Artes e Ciências de Gravação" (do inglês The Recording Academy - NARAS) dos Estados Unidos, dedicada aos profissionais da indústria musical. Disponível em: <<https://www.grammy.com/>>.

⁸ Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/globo-gente/fontes.htm>>.

começar foi justamente o motivo para que as TVs por assinatura parecessem um grande investimento, já que havia dado certo em várias partes do mundo. Com isso, as grandes empresas de comunicação brasileira foram incentivadas a fazer parte desse novo negócio (BOECKEL, 2004).

Segundo Boeckel (2004), no começo de tudo podemos destacar a Key TV, que transmitia as corridas de cavalo dos Jockey Clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo para casas de apostas. No entanto, o pioneiro das TVs por assinatura no Brasil é o Canal Plus, do empresário Mathias Machline, que surgiu em março de 1989, e apresentava uma programação composta pela *ESPN*, pela *CNN*, pela *RAI* e pela *MTV*. Um ano depois o canal foi comprado pelo *Grupo Abril*, e passou a se chamar *TVA (TV Abril)* que, ao longo do tempo, foi incluindo mais atrações em sua programação de canais.

A *TVA* era uma distribuidora de canais estrangeiros de sucesso comprovado para o Brasil. As primeiras aplicações de peso neste setor surgiram com a abertura das comunicações no Brasil. Este desenvolvimento começou, formalmente, com a Lei 8.977/95, que delimitou a TV paga (a cabo) como telecomunicações e não radiodifusão. Dispensou as empresas para o capital estrangeiro no limite de 49%, para que grande parte das participações destas empresas fosse brasileira. Foi a brecha para a entrada de programação estrangeira no país em associação com empresas nacionais.

Coincidindo com o início da desregulamentação e da desestatização, as novas tecnologias impulsionaram o crescimento das comunicações na América Latina, particularmente entre 1987 e 1991. Os impactos sucederam-se em gradações diversas, de país para país: o aumento considerável do número de emissoras de televisão; lançamento de satélites domésticos; disseminação das antenas parabólicas; funcionamento de emissoras de TV em UHF; implantação e inserção nas redes mundiais de transmissão de dados; introdução da televisão por assinatura (a cabo, por satélite e microondas); formação de redes regionais de TV e importação de equipamentos de telecomunicações e radiodifusão. O barateamento do uso de satélites e o aumento de demanda por parte das cadeias de TV alargaram o mercado para os centros de produção norte-americanos. Em 1991, os EUA respondiam por 77% da programação das TVs latino-americanas, exportando 150 mil horas de filmes, seriados, desenhos animados, esportes e variedades (MORAES, 1998 *apud* BOECKEL, 2004, p.65).

Antes disso as empresas estrangeiras já investiam no país. Com isso as programações das TVs por assinatura sempre tiveram como uma de suas marcas a distribuição e exibição no Brasil de programas estrangeiros, principalmente norte-

americanos. Por aberturas na legislação como esta que o *Grupo Abril*, por exemplo, conseguiu passar a transmitir no país a *MTV Brasil*.

No início a programação da *MTV* era composta quase que completamente por videoclipes que eram exibidos na matriz dos EUA. Os clipes nacionais eram poucos. A nacionalização do canal aconteceu aos poucos, desde a segunda metade da década de 1990. De acordo com a autora Boeckel, a emissora operava no país em *UHF (Ultra High Frequency)* desde o fim de 1989, em uma *joint venture* entre o *Grupo Abril* e a *MTV Networks – holding*⁹ controladora da marca *Music Television* em todo o mundo. Funcionou como um departamento da *Abril* até 1996. Em seguida, a *MTV Networks* propôs que a programação da emissora fosse separada em uma empresa distinta.

A *Abril* continuou sendo distribuidora do canal, e assim criou a *MTV Brasil Ltda.*, que passou a assumir a programação, as inserções publicitárias e a administração financeira. A *Abril Participações S/A* possui 50% das ações da *MTV Brasil Ltda.* e a *Viasem Brasil Holdings S/A*, subsidiária da *Viacom* – dona da *MTV* – os outros 50%.

De acordo com Boeckel (2004), a programação dos primeiros canais por assinatura era composta principalmente pelos chamados “enlatados”, programas de origem norte-americana, dublados para o português. A programação foi se reformulando de acordo com a necessidade que estes canais apresentavam. Assim criando sua personalidade própria e conteúdo diferenciado, com isso atraindo mais anunciantes e investidores.

Atualmente há canais de TV por assinatura, especializados em um assunto apenas. Entre eles: o *National Geographic Channel*, que aborda temas relacionados à geografia, viagens, cultura em geral; o canal *Animal Planet*, no qual o assunto é basicamente voltado para a vida animal, e o *The History Channel*, que se ocupa em exibir, principalmente, documentários de teor histórico. Apresentando esses documentários diariamente ou semanalmente e ainda exibindo documentários

⁹Empresa que detém a posse majoritária de ações de outras empresas, denominadas subsidiárias, centralizando o controle sobre elas. De modo geral a *holding* não produz bens e serviços, destinando-se apenas ao controle de suas subsidiárias.

especiais cujo assunto pode ser uma data comemorativa, uma biografia de um personagem histórico importante ou um acontecimento histórico (DUARTE, 1996).

Apesar de se ocupar de pessoas ou eventos marcantes historicamente, eventualmente, o canal pode trazer também assuntos inusitados ou desconhecidos. Num estilo envolvente, marcado por um grande acervo de fotos, documentos, gravações, efeitos especiais e entrevistas, os programas deste canal estimulam um novo olhar sobre a história, possibilitando conexões entre o passado e o presente. Lançado na América Latina pela *HBO* em outubro de 2001, o *The History Channel*, atualmente é transmitido para mais de 70 países, em 20 idiomas diferentes no mundo todo (DUARTE, 1996)

Além do *The History Channel*, existem também outros canais que apostam neste formato, como o *Discovery Chanel Brasil*, que é um dos principais canais desse segmento, e possui uma linha bastante variada de programação com boas opções de documentários(DUARTE, 1996).

Um tempo depois, o maior grupo de comunicação do país, as Organizações Globo despertaram o interesse em disputar uma parte deste mercado de grande sucesso. Em 10 de novembro de 1991, surgia a *GloboSat*¹⁰, programadora e operadora das Organizações Globo, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Da mesma forma que programava os seus canais, ela distribuía, instalava e vendia. Segundo Paternostro (1999), uma das novidades da *GloboSat* era que seu sinal era recebido diretamente do satélite *BrasilSat II*, através de grandes antenas parabólicas, instaladas em prédios e condomínios, que já captavam o sinal das redes abertas e garantiam excelente qualidade de som e imagem. Naquela época já havia um milhão e meio de parabólicas instaladas no Brasil. Em 1993, a *GloboSat* passou a concentrar suas atividades apenas na programação, assim a distribuição ficou a cargo da *Net Brasil*.

3.4 Histórico do *Globo News*

Com o início da implantação dos canais a cabo no Brasil, as Organizações Globo começaram a modificar o seu serviço de canais por assinatura. A *GloboSat*, no início da década de 1990, trabalhava com quatro canais próprios de TV a cabo

¹⁰Empresa brasileira, pertencente ao Grupo Globo. Disponível em:<<https://globosatplay.globo.com/>>.

:*GNT* (Globo News Television), o *Top Sport* (que em 1994 passou a se chamar *Sportv*), o *Multishow* e o *Telecine*. Além destes, a *Globosat* também fazia a transmissão de canais internacionais, como a *CNN* (BOECKEL, 2004).

De acordo com Boeckel (2004), a chance da criação de um canal que apresentasse um serviço de notícias 24 horas passou a ser imaginada após a Guerra do Golfo, no qual a *CNN* conseguiu realizar a cobertura jornalística mais famosa de sua história. Todos os canais de TV do mundo que estavam dando qualquer informação sobre o conflito, usavam informações e imagens da emissora. Pela primeira vez a guerra estava entrando ao vivo nos canais.

Segundo Paternostro (2006), a idealização de um canal brasileiro puramente de notícias mostrou-se uma boa possibilidade de ampliar a rede *GloboSat*. Desde então começou-se a pensar como tornariam este canal possível. Nomes de peso participaram das decisões sobre a produção do novo canal como o então comandante da criação e produção da TV Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni¹¹; Evandro Carlos de Andrade, diretor da Central Globo de Jornalismo (CGJ) na época¹²; Alice Maria, que foi a diretora da *Globo News* até setembro de 2014¹³; e Letícia Muhana, diretora do *GNT* na época¹⁴, e outros nomes de destaque no jornalismo do canal como Mônica Labarte e Vera Íris Paternostro.

3.4.1 A construção do canal

Os trabalhos para colocar a *Globo News* em prática começaram no final de 1995, mas foi no ano de 1996, que Alice Maria, diretora da TV Globo na época, ficou a frente da implantação do novo canal de notícias 24 horas. A ideia já possuía um nome: *Globo News*, e era a forma perfeita para TV Globo desenvolver seu jornalismo sem colocar em risco o nome da Rede Globo.

Segundo Boeckel (2004) existiam duas decisões que precisavam ser tomadas para que a possibilidade do canal fosse real. A primeira era que, como a *GNT* já trabalhava com jornalismo, seria necessário uma brecha para a implantação de um

¹¹Disponível em <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/boni/trajetoria.htm>> Acesso em 14 Set. 2018

¹²Disponível em <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/evandro-carlos-de-andrade.htm>> Acesso em 14 Set. 2018

¹³Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/alice-maria-reiniger/trajetoria.htm> Acesso em 14 Set. 2018

¹⁴Disponível em <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/profissionais/leticia-muhana/leticia-muhana-trajetoria.htm>> acesso em 14 Set. 2018.

canal *all news*¹⁵. Com isso ficou decidido que a *GNT* diminuiria a quantidade de seu noticiário, que era transmitido de hora em hora, para que, o novo canal se fortalecesse. A segunda era que o novo canal estaria ligado à central Globo de Jornalismo¹⁶, e não aos canais GloboSat, para que assim fosse possível aproveitar a estrutura e os profissionais que já trabalhavam ali, desta forma tornando o canal financeiramente viável.

Foi testando e arriscando-se que, a *Globo News* conseguiu ir abrindo novos horizontes para que as áreas trabalhassem em conjunto. A instauração do novo canal gerou a possibilidade de um maior aproveitamento da estrutura de produção já presente na Rede Globo.

Nós estávamos aprendendo a fazer, e a Rede estava aprendendo a compartilhar. Foi a primeira vez que as duas equipes trabalharam em conjunto, de improviso. Ninguém tinha a menor ideia do que era um canal de jornalismo 24 horas no ar. (PATERNOSTRO, 2006, p. 77)

No dia 15 de outubro de 1996, precisamente às oito e meia da noite, o apresentador Eduardo Grillo anunciava a novidade: - *Neste momento, você está vendo surgir a Globo News*. Ao seu lado, sua companheira de bancada, Renata Vasconcellos completava: - *Está no ar a Globo News*, a primeira televisão brasileira só de notícias¹⁷. Mas antes da estreia ser consolidada os meses anteriores foram de muito trabalho. De acordo com Fróes (2008), foi no terceiro andar da Rede Globo, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro que todo esse trabalho aconteceu, e onde foram montadas duas pequenas redações, um estúdio, o controle mestre e a área de supervisão técnica do novo canal.

Durante toda sua criação a *Globo News* passou por muitas mudanças de estúdio. Na primeira alteração em 1998, foram instalados computadores na bancada do “Em cima da Hora” e do “Jornal das Dez”, a qual foi aumentada para receber entrevistados. Assim a primeira experiência de bancada utilitária na emissora se concretizava, isto é, a bancada passou a ter uma utilidade além da composição do cenário. Como esta experiência deu certo, ela passou a ser utilizada em todos os telejornais da Rede.

¹⁵ Termo usado para designar um formato de emissora de rádio ou de televisão, cuja programação é composta apenas de notícias ou reportagens, ou seja, de cunho apenas jornalístico.

¹⁶ Na atualidade, a *Globo News* é um departamento da CGJ.

¹⁷ Disponível em <<http://memoriaglobo.globo.com/mostras/globonews-20-anos.htm>> Acesso em: 14 Set. 2018

Que a produção deste novo canal era um grande desafio todos já sabiam, e não seria diferente na hora de criar sua identidade visual. De acordo com Vera Íris (2006), o vice-presidente de Operações da Rede Globo, Boni também ficou a frente dos processos de estruturações do canal, e logo nos primeiros meses convidou Hans Donner para criar a programação visual do mesmo, que na linguagem da televisão caracteriza-se como *on air look*¹⁸.

Paternostro (2006) afirma que Donner trouxe uma proposta ousada para o logotipo do canal. Na cor prata e com animações em 3D, o logotipo do novo canal revolucionou o padrão encontrado na televisão brasileira. Hans foi encarregado de trazer uma nova ideia à logo do *Globo News*, mas que fosse ligada de alguma forma a da emissora mãe. Desta forma o primeiro logo tipo do canal trazia uma ideia de direção ao futuro, para o alto. “Como uma flecha em direção ao céu, fiz a inclinação da letra L, de Globo, e da letra N, da palavra News, dando a marca uma dinâmica de velocidade”, explica Hans Donner.

i. Sua consolidação

Assim surgiu o primeiro canal que tinha como proposta apresentar conteúdo jornalístico constante no Brasil. A *Globo News* é uma iniciativa de apenas 22 anos. A conquista da rápida informação é indispensável para o público-alvo ao qual o canal se destina: as classes A e B. Com isso ele conseguiu criar nestes espectadores ávidos por notícias a confiança e a credibilidade nos seus relatos. Boeckel (2004) relata que o canal, direcionado a um público segmentado possui duas vantagens fundamentais em relação ao jornalismo da chamada “rede”: tempo e espaço para aprofundar causas e consequências de uma informação e a possibilidade de interromper a qualquer momento sua programação em nome da notícia.

De acordo com Paternostro (2006), o canal criou a sua própria audiência, seu público cativo. Ele não transmite somente notícias. Foi por meio de coberturas, debates, documentários, programas históricos e opiniões que são emitidas nos programas da emissora, além dos já citados relatos jornalísticos. Foi a variedade de formas e formatos que conquistou seu público.

¹⁸ Designar os logotipos, vinhetas e as marcas, isto é a “identidade” do produto de TV (PATERNOSTRO, 2006, p. 42).

O *Globo News*, assim como todas as emissoras *all news*, do mundo é evidentemente baseada no precursor do noticiário 24 horas por dia: a CNN. Segundo Boeckel (2004), o modelo do canal norte-americano ainda é visto em partes da programação, principalmente nos telejornais. Contudo, em certos pontos, a *Globo News* se descolou do seu modelo original e precisou criar uma linguagem própria para seus programas. Esta linguagem foi surgindo junto com a necessidade de se adaptar e agradar ao público, por exemplo, com assuntos e formatos adequados ao gosto nacional.

3.4.2 A sua programação

Ainda em seus primórdios a *Globo News* foi feita com técnicas e profissionais novos. Existia um grupo de pessoas mais antigo vindo da Rede que foi para a *Globo News* ajudar esse novo mecanismo a funcionar, mas o perfil esperado era de gente jovem, os *Globo News*, que se juntavam aos *Globo Olds* nessa nova experiência (PATERNOSTRO, 2006). Alguns anos após sua criação o canal já havia ganhado certa credibilidade pelo seu trabalho de cobertura desenvolvido em trágicos acontecimentos, como por exemplo, no caso do 11 de setembro de 2001.

Como a Rede Globo possuía uma grade de programação muito rígida, já que existia uma série de contratos publicitários a serem efetivados, a *Globo News* foi o único canal brasileiro que não parou de cobrir o incidente, com entradas ao vivo e *up dates*¹⁹ regulares das agências e da própria CNN (FRÓES, 2008).

O canal passou por grandes dificuldades para criar uma programação a altura dos padrões da Rede mãe. De acordo com Paternostro (2006), foi um trabalho inédito para Alice e Mônica, conceberem a programação do canal. De toda a produção apenas Leticia já havia passado por essa experiência, na época do nascimento do GNT.

Informação em tempo real não é a única proposta do canal. Contando com uma grade flexível, ainda se divide em telejornais e programas de meia hora e intercalados, além disso, com o objetivo de abrir outros horizontes além das informações transmitidas de hora em hora, conta com um telejornal mais aprofundado no final do dia. Carlos Henrique Schroder, diretor da Central Globo de

¹⁹ Trabalho constante de atualização de informação.

Jornalismo(CGJ), relatou em depoimento no livro em comemoração aos dez anos de canal que:

Telejornais a cada meia hora e um programa na outra meia hora. Uma fórmula simples. Simples até o dia da estréia. A partir daí, a Globo News tornou-se um canal faminto, insaciável, que só se alimentou de notícias de programas com um forte peso analítico. A idéia era ter um noticiário forte na primeira meia hora e depois debates e discussões profundas para ajudar o telespectador a entender melhor determinado assunto e tomar posição. Mas não bastava empacotar o material jornalístico exportado pelas grandes agências de notícias. A Globo News foi buscar sua própria linguagem e criou um modelo de programas jornalísticos. Nesses dez anos, é possível afirmar as várias vertentes, os vários ângulos, as várias opiniões, gerando sempre uma visão plural sobre qualquer tema. Assim, além de trazer a notícia em tempo real, de formar talentos, de preparar profissionais, a Globo News acabou se revelando palcos para grandes discussões. O Brasil ganhou um canal que aprofundou os temas e soube traduzir tudo que passa no fundo. De brasileiro para brasileiro. Um produto 100% nacional. (PATERNOSTRO, 2006, p.83)

Contudo o canal possui programas jornalísticos fixos na da programação até os dias de hoje. Um dos programas fixos ate hoje na grade de é o *Em Cima da Hora*, um telejornal que busca relatar as principais notícias do dia, e que vai ao ar regularmente de hora em hora, com atualização periódica e possíveis entradas ao vivo (FERREIRA, 2009). Seu processo de elaboração é realizado a partir de um espelho, feito para primeira edição do dia, às 7 da manhã. Ao longo do dia este espelho é alterado, de forma que as atualizações dos fatos e as novas informações possam ser incluídas na próxima edição (BOECKEL, 2004).

Agora o *Jornal das Dez*, que também faz parte da programação até hoje, vai ao ar diariamente às 22h, é um telejornal mais aprofundado. Suas matérias possuem um texto e edições melhores. Todo o assunto ali abordado tem uma discussão mais ampla e profunda (FERREIRA, 2009).

Outro programa era o *Via Brasil*, que contava com várias reportagens de conteúdo regional. Não é precisamente um noticiário. Pode ser definido como um programa de variedades com formato jornalístico. As matérias apresentam principalmente pautas regionais, são descritivas em relação aos hábitos peculiares de uma certa área, os monumentos e a natureza (BOECKEL, 2004).

Todos esses programas fizeram parte do inicio da programação do canal²⁰, e seguem firmes ate hoje. Alem deles muitos outros programas de diversos assuntos que foram surgindo com o tempo ainda fazem parte da grade como *Sem Fronteiras*,

²⁰ Segue nos anexos uma imagem da primeira programação fixa do canal.

Globo News Painel e Pelo Mundo, que são os programas que trazem notícias e tratam de assuntos internacionais; O *Espaço Aberto* que é um programa dedicado a discussão de diversas pautas como política, cultura, economia, etc., entre outros programas (BOECKEL, 2004).

Está é uma das programações fixas que o canal apresentou durante anos²¹:

Quadro 1 - Programação do *Globo News* de sábado, 19 de setembro de 2009.

00h00 - Em Cima da Hora	12h30 - Agenda
00h30 - Conta Corrente	13h00 - Em Cima da Hora
01h00 - Em Cima da Hora	13h05 - Globo Universidade (TV Globo)
01h30 - Espaço Aberto - Literatura	13h30 - Conta Corrente - Especial
02h00 - Em Cima da Hora	14h00 - Em Cima da Hora
02h05 - Jornal das Dez	14h05 - Sem Fronteiras
03h00 - Em Cima da Hora	14h30 - Globo News Especial
03h05 - Jornal da Globo (TV Globo)	15h00 - Em Cima da Hora
03h30 - Pelo Mundo	15h30 - Via Brasil
04h00 - Em Cima da Hora	16h00 - Em Cima da Hora
04h05 - Sem Fronteiras	16h05 - Arquivo N
04h30 - Via Brasil	16h30 - Espaço Aberto - Literatura
05h00 - Em Cima da Hora	17h00 - Em Cima da Hora
05h05 - Arquivo N	17h05 - Espaço Aberto - Miriam Leitão
05h30 - Cidades e Soluções	17h30 - Pelo Mundo
06h00 - Em Cima da Hora	18h00 - Em Cima da Hora
06h05 - Espaço Aberto - Alexandre Garcia	18h30 - Agenda
06h30 - Agenda	19h00 - Em Cima da Hora
07h00 - Em Cima da Hora	19h05 - Espaço Aberto - Ciência e Tecnologia
07h05 - Starte	19h30 - Via Brasil - Especial
07h30 - Via Brasil - Especial	20h00 - Em Cima da Hora
08h00 - Em Cima da Hora	20h05 - Fatos e Versões - (inédito)
08h30 - Espaço Aberto - Literatura	20h30 - Conta Corrente - Especial
09h00 - Em Cima da Hora	21h00 - Em Cima da Hora

²¹ FERREIRA, Raphael Campos. Telejornalismo 24 horas: estudo da programação e proposta dos principais canais de notícias do Brasil. 2009. 149 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Anexo 1. Disponível em : <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/2251>> Acesso em: 10 Set. 2018

09h05 - Globo Repórter (TV Globo)	21h05 - Profissão Repórter (TV Globo)
10h00 - Em Cima da Hora	21h30 - Sarau - (inédito)
10h05 - Globo Ecologia (TV Globo)	22h00 - Jornal das Dez - (inédito)
10h30 - Mundo S/A	23h00 - Globo News Painel - (inédito)
11h00 - Em Cima da Hora	
11h05 - Espaço Aberto - Saúde	
11h30 - Pelo Mundo	
12h00 - Em Cima da Hora IV	

Fonte: Retirada da monografia de Raphael Campos Ferreira “Telejornalismo 24 horas: estudo da programação e proposta dos principais canais de notícias do Brasil”. Disponível em : <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/2251>> Acesso em: 10 Set. 2018

Mesmo apresentando essa programação fixa durante longos anos, aos poucos as dificuldade de fazer um canal apenas com notícias, ou apenas com jornais foram aparecendo. Vera Iris Paternostro (2006) relata que com essa dificuldade e como a programação foi pautada nos ideais norte americanos, a grade do canal foi ganhando programas de *hard news* intercalados por material jornalístico não factual, como debates, documentários, análises, etc.

Com a necessidade de passar informação de verdade a todo o momento e esse desenvolvimento gradativo da grade de programação do canal, alguns formatos forma se destacando com o tempo e ganhando mais visibilidade. Aos poucos novos programas e novas maneira de fazer noticia foram sendo introduzidas no *Globo News* (PATERNOSTRO, 2006).

O canal de notícias passou um tempo se enrolando. Poucos dos chamados “especialistas”, acadêmicos ou pensadores independentes, que colaboram com a programação, passaram a se recusar a ir a seus programas, no auge da recente polarização política. Questionavam o comportamento de alguns comentaristas políticos que rasgaram manuais do bom jornalismo ao demonstrar ao vivo comprometimento político com apenas um lado da notícia. Cujas ética foi questionada, manchando parte da reputação da emissora e do grupo a que pertence. Que entendeu que estava na hora de mudar e soube renovar (PAIVA, 2015)²².

Em decorrência a essa situação, no dia 26 de julho de 2015, o canal ganhou um novo integrante da programação, o *Que Mundo É Esse?*. No primeiro episódio, os apresentadores André Fran, Michel Coeli, Felipe Ufo e Rodrigo Cebrian, fizeram

²² Coluna cultural de Marcelo Rubens Paiva no jornal Estadão do dia 04 de janeiro de 2015. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/marcelo-rubens-paiva/que-mundo-e-esse/>>

reportagens no Curdistão, país dominado pelo Estado Islamismo²³. Como a estreia deste programa o canal experimentou um novo estilo de formato para sua programação, saindo do comum²⁴.

3.5 Que mundo é esse?

O programa surgiu em meio a um impasse do canal cuja produção e programação estavam começando a ser questionadas. De acordo com Marcelo Rubens Paiva, escritor, dramaturgo, roteirista, que trabalha há anos na imprensa como cronista do mundo contemporâneo, relatou em sua coluna no jornal Estadão, no dia 04 de janeiro de 2015, que os poucos dos chamados “especialistas”, acadêmicos ou pensadores independentes, que colaboravam com a programação, passaram a se recusar a ir aos programas do *Globo News*, no auge da recente polarização política.

Com isso o comportamento de alguns comentaristas políticos que “rasgaram manuais do bom jornalismo ao demonstrar ao vivo comprometimento político com apenas um lado da notícia” começou a ser questionados, assim manchando parte da reputação da emissora e do grupo a que pertenciam que logo interpretou a situação, e percebeu que estava na hora de mudar.

Muitos nomes importantes do jornalismo foram convocados para esta mudança do canal, dentre eles estava Renata Lo Prete, jornalista do jornal Folha de S. Paulo, que ganhou seu espaço na escola pluralismo democrático e nas redações após mostras de seu intuito de respeitar as opiniões do “outro lado”, expressão cunhada pelo manual da Folha de S. Paulo, de onde ela vinha.

Mário Sergio Conti começou a comandar um programa de entrevistas ao vivo, para não haver manipulação editada, que ficou conhecido como *Diálogos com Mario Sergio Conti*. Maria Prata foi convocada para o programa Mundo S/A. Ale Youssef e Hermano Vianna debruçaram-se sobre as novas tecnologias com o objetivo de entender a revolução da informação no programa Navegador. Mas a grande mudança da programação estava por vir. O programa *Que Mundo É Esse*, que pelas chamadas antes de sua estreia parecia mais um programa de brasileiros

²³Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/globo-news/2018/que-mundo-e-esse-na-coreia>>

²⁴Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/globo-news/2018/que-mundo-e-esse-na-coreia>>

conhecendo o exterior, mas não era bem assim. André Fran, Michel Coeli, Felipe UFO e Rodrigo Cebrian, da produtora *BASE#1 Filmes*²⁵, marcaram o início do programa com uma exposição de fotos, no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, de 24 de julho a 24 de agosto de 2015²⁶.

O “Que Mundo É Esse?” estreou no dia 26 de julho, dois dias após o início da exposição, com um documentário no Curdistão, país dominado pelo Estado Islâmico. O evento de lançamento contou com a presença de Pedro Bial, que já havia feito matérias no território, e destacou a importância do trabalho²⁷. O projeto tem como objetivo mostrar realidades polemica e controversas existentes na atualidade.²⁸

Seguindo seu objetivo a primeira viagem realizada pela equipe do programa durou 15 dias, na qual testemunharam histórias importantes sobre a vida do povo curdo. Começaram pela Turquia, onde se concentra a maior população curda, no qual a equipe presenciou um momento histórico: a primeira vez em que a minoria curda elegeu representantes para o parlamento em Ancara²⁹.

Figura 1: Michel Coeli, Felipe Ufo e André Fran no sítio arqueológico do Monte Nemrut, na Turquia, que data do século.



Fonte: Jornal Época disponível em: < <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/07/brasileiros-se-arriscam-no-documentario-que-mundo-e-esse.html>>.

²⁵ Produtora independente fundada em 2009. Disponível em <<http://base1filmes.com.br/>>

²⁶ Informação data em Matéria de João Cotta, disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2015/07/que-mundo-e-esse-estrea-na-globonews-com-programa-sobre-curdistao-4809103.html>> Acesso em: 26 de Set

²⁷ *Idem*

²⁸ Informação retirada de matéria do G1, do dia 20 de julho de 2015, disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2015/07/exposicao-mostra-rotina-dos-curdos-e-pergunta-que-mundo-e-esse.html> Acesso em: 26 de Set.

²⁹ *Idem*

Da Turquia, seguiram para a Curdistão Iraquiano, onde seus olhos se voltaram para os refugiados. No norte do Iraque, em Makhumur, André, Felipe e Michel acompanharam os Peshmerga, o exército do Curdistão, até a linha de frente da guerra contra o Estado Islâmico. Eles viveram uma das situações mais tensas da série, no qual foram orientados a não permanecer no mesmo lugar por mais de 10 segundos, para não serem atingidos pelos atiradores de elite³⁰.

O trio de documentaristas tem experiência com esses tipos de situação. A primeira experiência na TV foi com a série *Não Conta Lá em Casa*, que apresentava reportagens em lugares nada convidativos. O programa foi exibido entre 2009 e 2014, no canal *Multishow*. O roteiro incluiu Coreia do Norte, Somália, Chechênia, Mianmar, Crimeia, Etiópia, Irã, Iraque, Kosovo, Iêmen, Mianmar, Ossétia do Sul, ou seja, locais excluídos de qualquer mapa turístico. Fizeram também reportagens na Indonésia pós-tsunami, na usina nuclear de Chernobil e nas Ilhas Faroe, onde um grupo de ambientalistas se aventura pelo mar da Escandinávia para reprimir a pesca de baleias.³¹, porém este novo projeto possui um viés mais jornalístico, para condizer com o canal o qual ele é transmitido, “Queremos nos inserir nas grandes questões da humanidade e mostrá-las sem mistificações”, afirma Fran³².

Figura 2: Apresentadores do programa e seus guias na Coreia do Norte.



Fonte: Jornal G1 disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/globo-news/2018/que-mundo-e-esse-na-coreia/>>

³⁰Informação retirada de matéria do G1, do dia 20 de julho de 2015, disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2015/07/exposicao-mostra-rotina-dos-curdos-e-pergunta-que-mundo-e-esse.html> Acesso em: 26 de Set.

³¹ Canal de televisão por assinatura que também pertence a emissora GloboSat.

³²Informação retirada de matéria do jornal Época, Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/07/brasileiros-se-arriscam-no-documentario-que-mundo-e-esse.html> Acesso em; 26 Set.

Durante esse tempo eles já passaram pela Rússia, onde retrataram o passado e o presente do país, pela Coreia do Norte, desvendando toda sua realidade, e diversos destinos polêmicos. Para a nova temporada, que estreia em novembro desse ano, eles pretendem relatar o cotidiano do Irã.

Um programa que, inicialmente pode ter sido recebido pelo público e pela crítica como mais um “programa de viagem”, tem se mostrado ao longo do tempo de exibição como um programa com conteúdo que traz à tona grandes questões da humanidade, de forma séria e sem mistificações, como desejou um de seus idealizadores.

4 ANÁLISE DO “QUE MUNDO É ESSE?”

Este capítulo fará a análise de conteúdo dos recursos utilizados no programa *Que Mundo É Esse*, para construção de seus documentários, focando na hipótese de se destacar o modo expositivo de documentário. Esta análise será feita a partir dos episódios selecionados.

4.1 Metodologia

Na pesquisa qualitativa, a análise de conteúdo, é um recurso de organização e análise dos dados, que tem como foco qualificar as vivências do sujeito, bem como suas percepções sobre determinado objeto e seus fenômenos (BARDIN, 1977 *apud* CAVALCANTE, 2014, p.14). Contudo, este método também pode ser utilizado para o aprofundamento de estudos quantitativos, e assim, ter uma visão matemática da abordagem (CAVALCANTE, CALIXTO e PINHEIRO, 2014).

Pretendemos apresentar uma análise de conteúdo do programa “Que Mundo É Esse?” e serão utilizados como objeto da análise os episódios selecionados, que são: “A vida dos Curdos, o maior povo do mundo sem nação”; “O maior lixão de eletrônicos do mundo, em Gana”; “Os extremos no deserto dos Estados Unidos: o luxo de Las Vegas e o festival Burning Man”; “O México na era Donal Trump”; “Que mundo é esse destaca os contrastes de Moscou” e “A separação cultural e ideológica entre a Coréia do Norte e do Sul”.

No site da GloboSat, onde estão dispostos os episódios do programa, não há uma separação por temporada. Os episódios são apresentados somente numa ordem cronológica de exibição, mostrados do mais antigo para o mais novo ou vice versa.

Quadro 2: Episódios do programa e respectivas datas de exibição de acordo com o site da GloboSat.

Nº	Data de Exibição	Nome do Episódio
Ep.01	26/07/2015	A vida dos Curdos, o maior povo do mundo sem nação.
Ep.02	02/08/2015	Shoppings e hotéis ficam perto do Estado Islâmico no Curdistão.
Ep.03	09/08/2015	Equipe brasileira visita campo de refugiados no Curdistão iraquiano.
Ep.04	16/08/2015	Curdos ajudam a conter o terrorismo e lutam pelo direito de ter um país.

Ep.05	09/04/2016	O maior lixão de eletrônicos do mundo, em Gana
Ep.06	22/04/2016	Grande Muralha Verde tenta conter o avanço do deserto do Saara
Ep.07	29/04/2016	O combate a epidemias de ebola, chicungunha e a zika na África
Ep.08	06/05/2016	Quênia: um grande exportador de rosas para a Europa
Ep.09	28/10/2016	Os extremos no deserto dos Estados Unidos: o luxo de Las Vegas e o festival Burning Man
Ep.10	04/11/2016	A cultura e o mercado das armas nos Estados Unidos
Ep.11	11/11/2016	Um retrato das cidades americanas decadentes
Ep.12	18/11/2016	A mobilização dos índios nos Estados Unidos
Ep. Especial	11/02/2017	Que Mundo é Esse?: America partida
Ep.13	11/05/2017	O México na era Donal Trump
Ep.14	25/05/2017	O feminicídio no México e as famílias separadas pela fronteira com os EUA
Ep.15	02/06/2017	Passeio mostra a Cidade do México por meio de histórias de corrupção
Ep.16	09/06/2017	A invasão americana no México
Ep.17	02/10/2017	O acesso fácil a fuzis, rifles e metralhadoras nos Estados Unidos
Ep.18	03/10/2017	Que mundo é esse destaca os contrastes de Moscou
Ep.19	10/10/2017	Metrô russo e turismo de guerra
Ep.20	17/10/2017	Comunidade LGBT, imprensa e copa do mundo na Rússia
Ep.21	24/10/2017	Que Mundo é Esse? mostra os novos bilionários russos
Ep.22	31/10/2017	A cidade russa de Vladivostok e uma multinacional de cibersegurança
Ep.23	10/04/2018	A separação cultural e ideológica entre a Coréia do Norte e do Sul
Ep.24	17/04/2018	Coréia do Sul é campeã mundial em intervenções plásticas
Ep.25	24/04/2018	A agitação e o consumismo de Seul, na Coréia do Sul
Ep.26	01/05/2018	Entenda a relação das Coréias com a tecnologia
Ep.27	08/08/2018	Conheça a zona desmilitarizada entre as Coréias

Fonte: Disponível em: <<https://globosatplay.globo.com/globonews/que-mundo-e-esse/>>

Acesso em: 06 de Set. 2018.

Porém, ao assistirmos os episódios percebemos que no início de cada um, os apresentadores demonstram que existe essa divisão por temporada. Isso fica ainda mais perceptível pelo espaço entre cada exibição, bem como pelos temas abordados.

Quadro 3: Divisão dos episódios por temporada conforme é mostrado pelos apresentadores no início de cada um.

Nº	Data de Exibição	Nome do Episódio
1º Temporada		
Ep. 01	26/07/2015	A vida dos Curdos, o maior povo do mundo sem nação.
Ep. 02	02/08/2015	Shoppings e hotéis ficam perto do Estado Islâmico no Curdistão.
Ep. 03	09/08/2015	Equipe brasileira visita campo de refugiados no Curdistão iraquiano.
Ep. 04	16/08/2015	Curdos ajudam a conter o terrorismo e lutam pelo direito de ter um país.
2º Temporada		
Ep. 01	09/04/2016	O maior lixão de eletrônicos do mundo, em Gana
Ep. 02	22/04/2016	Grande Muralha Verde tenta conter o avanço do deserto do Saara
Ep. 03	29/04/2016	O combate a epidemias de ebola, chicungunha e a zika na África
Ep. 04	06/05/2016	Quênia: um grande exportador de rosas para a Europa
3º Temporada		
Ep. 01	28/10/2016	Os extremos no deserto dos Estados Unidos: o luxo de Las Vegas e o festival Burning Man
Ep. 02	04/11/2016	A cultura e o mercado das armas nos Estados Unidos

Ep. 03	11/11/2016	Um retrato das cidades americanas decadentes
Ep. 04	18/11/2016	A mobilização dos índios nos Estados Unidos
Ep. Especial	11/02/2017	Que Mundo é Esse?: America partida
4º Temporada		
Ep. 01	11/05/2017	O México na era Donal Trump
Ep. 02	25/05/2017	O feminicídio no México e as famílias separadas pela fronteira com os EUA
Ep. 03	02/06/2017	Passeio mostra a Cidade do México por meio de histórias de corrupção
Ep. 04	09/06/2017	A invasão americana no México
Ep. 05	02/10/2017	O acesso fácil a fuzis, rifles e metralhadoras nos Estados Unidos
5º Temporada		
Ep. 01	03/10/2017	Que mundo é esse destaca os contrastes de Moscou
Ep. 02	10/10/2017	Metrô russo e turismo de guerra
Ep. 03	17/10/2017	Comunidade LGBT, imprensa e copa do mundo na Rússia
Ep. 04	24/10/2017	Que Mundo é Esse? mostra os novos bilionários russos
Ep. 05	31/10/2017	A cidade russa de Vladivostok e uma multinacional de cibersegurança
6º Temporada		
Ep. 01	10/04/2018	A separação cultural e ideológica entre a Coréia do Norte e do Sul
Ep. 02	17/04/2018	Coréia do Sul é campeã mundial em intervenções plásticas
Ep. 03	24/04/2018	A agitação e o consumismo de Seul, na Coréia do Sul
Ep. 04	01/05/2018	Entenda a relação das Coréias

		com a tecnologia
Ep. 05	08/08/2018	Conheça a zona desmilitarizada entre as Coréias

Fonte: Autoral.

Os episódios destacados serão examinados a fim de levantar os recursos de linguagem utilizados para sua produção buscando destacar o modo expositivo, segundo hipótese levantada. Em Introdução ao documentário, Bill Nichols (2012) afirma que cada documentário tem uma voz diferente e que essa voz atesta a individualidade de cada produção.

Segundo o autor, os seis modos determinam uma estrutura, estabelecem convenções e propiciam expectativas por parte dos expectadores. Nichols explicita ainda que a identificação com um modo não precisa ser total, visto que as características de um determinado modo funcionam como dominante num filme como um todo, dando-lhe estrutura,mas não determinam todos os aspectos de organização (NICHOLS, 2012).

Reside aí uma considerável liberdade que acaba por propiciar, por exemplo, que um documentário reflexivo, cuja característica básica evidencia a relação entre o grupo filmado e o documentarista mostre também a participação do documentarista e sua equipe, que é característica do modo participativo. Ou que o documentarista em seu filme estruturalmente expositivo, preocupando-se com a defesa de argumentos, que já observa antes de expor,acrescente à realidade exposta um pouco de subjetividade e ainda preocupação estética,emprestando a sua produção um certo modo poético e também performático (NICHOLS, 2012).

Considerando as vozes e os modos de representação, percebemos que a construção da narrativa do programa em questão parte de uma lógica argumentativa acerca do mundo ou da porção deste mundo que o documentarista pretende retratar. Sua matéria-prima é o mundo em que vivemos, portanto baseia-se muito mais em situar os fatos no tempo e no espaço do que na continuidade da ação filmada. As filmagens no cinema de ficção são norteadas por uma lógica de continuidade, enquanto o documentário está preso às relações entre os fatos

históricos, e na montagem são feitas as pontes destes entre si, o que evidencia estas relações (ROCHA, 2012).

O documentário, em particular, herdou do cinema direto, uma nova forma de fazer asserções sobre o mundo histórico, partindo de uma postura ética do diretor em relação aos atores sociais, no qual o rompimento com o documentário clássico é marcado pela presença do “sujeito- da câmera” (RAMOS, 2008 *apud* ROCHA, 2012, p.13), pela descoberta do uso dramático da fala dos personagens (entrevista/ depoimento) e pela encenação direta.

A própria produção do documentário transforma-se em matéria de reflexão, a forma dialógica como se relacionam o filme e os atores sociais envolve o espectador, modificando seu uso. O filme é construído a partir das falas dos personagens, dos pontos de ligação entre elas e o mundo que está sendo representado. O fio condutor do processo de organização é a própria história dos *Que Mundo É Esse?* fatos narrados, diferentemente do cinema de ficção, apoia-se muito mais em uma lógica argumentativa que é conduzida pela maneira como são realizadas as asserções do mundo real, do que em aspectos de continuidade de espaço e tempo. Este processo foi denominado por Nichols (2012, p.58) como “montagem de evidência”.

A maneira pela qual são realizadas as asserções seja no tocante ao estilo, tom, ponto de vista, enfoque ou demais elementos que possam distinguir uma produção de outra é exatamente o que caracteriza a abordagem, isto é, como apresentar uma história na tela (BERNARD, 2008).

Notou-se em uma análise preliminar que o programa *Que Mundo é Esse?* tinha o seu conteúdo apresentado na tela utilizando, por exemplo, de locução em *off*, voz de entrevistas/depoimentos com pessoas que vivem no local que está sendo retratado ou de especialistas que tenham conhecimento no assunto tratado, além da participação dos apresentadores vivenciando algumas experiências nos locais. Para localizar esses recursos e identificar o grau de sua importância na delimitação das

abordagens do programa será realizada uma decupagem³³ dos episódios selecionados.

4.2 Análise dos episódios

De acordo com essas informações, apresentaremos abaixo uma decupagem dos episódios selecionados levantando uma ficha técnica, e em seguida uma descrição detalhada do tratamento do conteúdo a partir de sua minutagem, a fim de retratar cada recurso de linguagem e abordagem utilizado. Todas essas informações são de fonte autoral e foram concebidas a partir da visualização dos episódios selecionados.

4.2.1 “A vida dos Curdos, o maior povo do mundo sem nação”

Data de exibição: 26/07/2015

Apresentadores: André Fran, Michel Coeli e Felipe UFO.

Produção: Felipe UFO.

Co- Produção: BASE 1#.

Direção: André Fran e Michel Coeli.

Fotografia e Câmera: Michel Coeli.

Duração: 25 minutos.

Sinopse: Neste episódio é apresentada a vida do povo curdo, mostrando dia a dia nos locais em que mais se concentram, como a Turquia. Foi registrado o momento em que o primeiro partido pró-curdo conquistou o direito de ter representantes no Parlamento. Para celebrar tal conquista a população sai às ruas do Curdistão Turco numa manifestação que os apresentadores caracterizam como ser digna de Copa do Mundo. De lá eles seguiram para o Curdistão Iraquiano, onde as lentes se voltaram para as vítimas da guerra e do terrorismo que causa caos na região.

Descrição a partir da Minutagem:

³³Entende-se como decupagem o processo de decomposição do filme em planos e consequentemente das sequências e cenas (XAVIER, 1977).

Quadro 4: Decupagem do episódio “A vida dos Curdos, o maior povo do mundo sem nação”

MINUTAGEM (mim)	LEGENDA	VÍDEO	ÁUDIO
00:00	Não possui.	<i>Takes</i> do local em questão (Turquia/Curdistão), feitos de dentro do carro dos soldados que os apresentadores acompanhavam.	Ruídos das gravações, como por exemplo, o barulho do vento, o do carro andando, som de transmissão de rádio entre os soldados.
00:27	Localização.	Fundo preto.	Transmissão de rádio entre os soldados.
00:35	Não possui.	<i>Takes</i> do local feitos de dentro do carro dos soldados, com uma imagem desfocada.	Transmissão de rádio entre os soldados.
01:04	Tradução das falas do comandante.	Entrevista do comandante em plano médio, onde ele explicava sobre os atiradores de elite que haviam ali	Barulhos de tiro.
01:16	Não possui.	<i>Takes</i> dos apresentadores em meio aos soldados em plano geral.	Ruídos da filmagem.
01:32	Tradução das falas do soldado.	Entrevista com soldado em plano médio, na qual ele explica a situação que se encontra o local que ele estavam	Sonora da entrevista
01: 36	Não possui.	<i>Takes</i> do local.	Trilha sonora específica para o momento.
01:39	Não possui.	<i>Takes</i> embaçados.	Barulhos de tiro.
01: 40	Não possui.	O apresentador Felipe UFO aparece em plano médio sentado em frente a uma barreira de sacos de areia fazendo locução sobre os barulhos de tiro.	Barulhos dos tiros.
01:44	Não possui.	<i>Takes</i> dos soldados em ação.	Ruídos ambientes.
02:07	Tradução de fala.	Fragmentos da entrevista do comandante.	Sonora da entrevista.

02:23	Não possui.	<i>Takes</i> do local (Curdistão Turco).	Locução em <i>off</i> (Fran).
02:39	Não possui.	Vídeos de um soldado atirando em plano médio.	Barulhos de tiro.
02:47	Não possui.	<i>Takes</i> do local (Curdistão Turco).	Locução em <i>off</i> (Fran).
02:55	Não possui.	<i>Takes</i> do povo curdo em plano geral com a participação do apresentador Michel Coeli	Ruídos do ambiente.
03:03	Não possui.	<i>Takes</i> do local (Curdistão Turco).	Locução em <i>off</i> (Fran).
03:20	Não possui.	<i>Takes</i> em plano geral do povo curdo e dos apresentadores.	Trilha sonora específica para o momento.
03:46	Não possui.	Abertura do programa com <i>takes</i> do local em plano geral onde aparece o povo curdo e os apresentadores.	Trilha sonora da abertura (Música da banda “Fresno – A prova de balas”).
04:08	Não possui.	<i>Takes</i> do local (Curdistão Turco), e do povo curdo em plano médio, onde os apresentadores também aparecem participando e vivenciando algumas experiências.	Trilha sonora específica para o momento.
04:30	Localização de tempo e local.	<i>Takes</i> de um ponto turístico em Istambul, na Turquia.	Trilha sonora específica para o momento.
04:33	Não possui.	<i>Takes</i> do local intercalando o plano médio e geral com a presença do povo (Curdistão Turco).	Locução em <i>off</i> (Fran).
04:38	Não possui.	<i>Takes</i> do apresentador (Fran) em plano médio fazendo locução sobre o povo curdo.	Sonora dos vídeos.
04:45	Não possui.	Vídeos com mapas mostrando a localização do Curdistão	Locução em <i>off</i> (Fran).
04:58	Não possui.	<i>Takes</i> do apresentador (Fran) em plano médio fazendo explicação.	Sonora do vídeo.

05:07	Não possui.	<i>Takes</i> em plano médio do local com as pessoas intercalados com vídeos de acervos (youtube)	Locução em <i>off</i> (UFO).
05:10	Não possui	<i>Takes</i> do local em plano médio.	Trilha sonora específica para o momento.
05:12	Não possui.	<i>Takes</i> do local em plano médio.	Locução em <i>off</i> (UFO).
05:43	Não possui.	Entrevistas com a população curda dentro de um restaurante em plano médio onde o apresentador (Fran) também aparece.	Sonora vídeos.
06:45	Tradução de falas.	Vídeos de entrevistas com varias pessoas em um mercado em plano médio.	Sonora vídeos.
06:59	Tradução de falas.	Vídeos de depoimento de um curdo intercalado com <i>takes</i> do local.	Sonora dos vídeos
07:40	Tradução de falas.	Vídeo de uma série de depoimentos de curdos em plano médio.	Sonora dos vídeos
08:33	Não possui.	<i>Takes</i> do local em plano médio.	Locução em <i>off</i> (Fran).
08:59	Não possui	Vídeos em plano médio de um apresentador fazendo locução (Fran), intercalando com imagens.	Sonora do vídeo.
09:36	Não possui.	Utilização de vídeos de arquivo (Youtube) e gravações feitas pelos apresentadores em Diyarbakir.	Sonora dos vídeos.
10:53	Não possui.	Vídeo em plano médio de apresentador fazendo locução (Coeli).	Sonora do vídeo.
11:36	Não possui.	Vídeo em plano médio de apresentador fazendo locução (Fran).	Sonora do vídeo.
12:03	Não possui.	Vídeo em plano médio de apresentador fazendo locução (UFO).	Sonora do vídeo.

12:25	Não possui.	Takes da manifestação dos curdos que estava acontecendo em Diyarbakir.	Locução em <i>off</i> (Coeli).
12:40	Não possui.	Takes da manifestação dos curdos que estava acontecendo em Diyarbakir.	Trilha sonora específica ao momento.
13:24	Não possui.	Vídeo de depoimento de curdo que participava da manifestação.	Sonora do vídeo.
13:35	Informando o intervalo.	Chamada de intervalo.	Trilha sonora, música tema.
2º BLOCO			
13:36	Não possui.	Vídeo de entrada da chamada do programa com a logo do mesmo ao final.	Trilha sonora, música tema
13:43	Não possui.	<i>Takes</i> do local.	Trilha sonora específica.
14:03	Localização e tempo.	<i>Takes</i> do local, no dia da eleição, no qual os curdos conseguiram eleger o primeiro partido pró-curdo direito de ter representantes no Parlamento da história.	Trilha sonora específica.
14:14	Não possui.	<i>Takes</i> do local.	Locução em <i>off</i> (Coeli).
15:09	Tradução da fala.	Fragmentos da entrevista feita no restaurante, onde todos os apresentadores apareciam e participavam, intercalando com <i>takes</i> do local.	Sonora da entrevista.
16:29	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (Fran) fazendo locução.	Sonora dos vídeos.
16:57	Tradução de fala.	Vídeo de depoimento de curdo	Sonora do vídeo.
17:40	Tradução de fala.	Fragmentos de depoimentos e entrevistas dos curdos intercalados.	Sonora do vídeo.
18:07	Não possui.	<i>Takes</i> do local.	Trilha sonora específica.
18:22	Tradução de fala.	Vídeos de depoimentos de curdos intercalados com vídeos.	Sonora dos vídeos.
19:52	Não possui.	Vídeos do local.	Trilha sonora específica.
19:55	Não possui.	Vídeos do local.	Locução em <i>off</i> (Coeli).
20:08	Não possui.	Vídeos do povo curdo.	Trilha sonora específica e ruídos dos vídeos.
20:28	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (UFO) fazendo locução.	Sonora do vídeo.
20:45	Não possui	Vídeos dos curdos nas ruas.	Sonora dos vídeos.
20:51	Não possui	Vídeo em plano médio do apresentador (Fran) fazendo locução sobre a situação dos curdos pós	Sonora do vídeo

		eleição da chapa.	
21:10	Não possui.	Vídeos do local.	Trilha sonora específica.
22:04	Não possui.	Vídeo de um dos apresentadores gravando o outro pelo celular, onde eles fazem locução da situação.	Sonora do vídeo e ruídos.
22:22	Não possui.	Vídeos do local.	Trilha sonora específica.
22:39	Não possui.	Sequência de fotos em preto e branco.	Trilha sonora específica.
22:51	Tradução de falas.	Entrevista com curdo na rua, onde o apresentador (Fran) aparece participando.	Sonora da entrevista.
23:22	Não possui.	Vídeos do local.	Trilha sonora específica.
23:45	Não possui.	Vídeos do local.	Locução em <i>off</i> (Coeli).
24:14	Créditos.	Sequência de fotos.	Trilha sonora específica.
25:00	Não possui.	Encerra vídeo com fundo preto.	Trilha sonora específica.

Fonte: Autoral.

4.2.2 O maior lixão de eletrônicos do mundo, em Gana

Data de exibição: 09/04/2016

Apresentadores: André Fran, Michel Coeli e Felipe UFO.

Produção: Felipe UFO.

Co - Produção: BASE1#.

Direção: André Fran e Michel Coeli.

Fotografia e Câmera: Michel Coeli.

Duração: 26 minutos.

Sinopse: O episódio se passa em Agbogbloshie, em Gana, onde encontra-se o maior lixão de eletrônicos do mundo. É para lá que vai a maior parte desse tipo de lixo, vindo principalmente dos países da Europa, que despejam grande parte das 215 mil toneladas que lotam o espaço. O trio de apresentadores circula pelo lixão com o engenheiro ambiental Atiemo Sampson, professor e pesquisador ambiental, uma das maiores autoridades africanas quando o assunto é lixo eletrônico. Relatam que o governo de Gana permitiu a importação de eletrônicos usados desses países, já que seu país não conseguia comprar esses produtos de primeira linha. Porém, com esta decisão o local acabou virando um grande depósito para esses países. Devidamente equipado com capacete, óculos e máscaras, o trio visita um projeto de reciclagem em Gana para

mostrar a iniciativa local que busca reverter essa situação. É o caso de empresas que juntam reciclagem e sustentabilidade para tentar limpar esses lixões de maneira ecológica e lucrativa.

Descrição a partir da Minutagem:

Quadro 5: Decupagem do episódio “O maior lixão de eletrônicos do mundo, em Gana”.

MINUTAGEM (mim)	LEGENDA	VÍDEO	ÁUDIO
00:00	Não possui.	Vídeos de Gana.	Trilha sonora.
00:14	Não possui.	Vídeos de Gana.	Locução em <i>off</i> (Fran).
02:02	Não possui.	Vídeos de Gana.	Trilha sonora.
02:04	Não possui.	Vídeo de abertura com <i>takes</i> de Gana com a presença dos apresentadores e de algumas experiências que eles passaram ali.	Trilha da abertura, música tema (Música da banda “Fresno – A prova de balas”).
02:28	Nome do episódio.	Vídeos de Gana.	Trilha sonora.
02:46	Não possui.	<i>Takes</i> em plano médio e em movimento do apresentador (Fran) fazendo locução no lixão.	Sonora dos vídeos.
03:09	Localização.	Vídeos do lixão e arredores.	Locução em <i>off</i> (Fran)
03:48	Não possui.	Retorna <i>takes</i> em plano médio e em movimento do apresentador (Fran) fazendo locução no lixão.	Sonora dos vídeos.
04:08	Não possui.	Vídeos do lixão e arredores.	Locução em <i>off</i> (Fran)
04:25	Tradução de fala.	Vídeo de entrevista com um engenheiro ambiental especialista na situação do lixão de Gana, no qual os apresentadores aparecem (plano médio).	Sonora dos vídeos.
06:25	Não possui.	Vídeos do lixão e arredores intercalados com vídeos mostrando o povo de Gana.	Locução em <i>off</i> (Fran)
06:58	Tradução de fala.	Retorna com fragmentos da entrevista com o engenheiro.	Sonora da entrevista.
07:05	Não possui.	<i>Take</i> em plano médio do apresentador (Coeli) fazendo locução em meio ao lixão.	Sonora do vídeo.
07:25	Não possui.	<i>Take</i> sem plano médio	Sonora dos vídeos.

		dos trabalhadores do lixão em ação.	
07:39	Não possui.	<i>Take</i> sem plano médio do apresentador (Fran) fazendo locução em meio ao lixão.	Sonora do vídeo.
08:03	Não possui.	<i>Takes</i> em plano médio do apresentador (UFO) fazendo locução em meio ao lixão.	Sonora do vídeo.
08:28	Não possui.	Vídeos do lixão e arredores intercalados com vídeos mostrando o povo de Gana.	Locução em <i>off</i> (Coeli)
08:59	Não possui.	Foto sequência de apresentador com um trabalhador do lixão.	Trilha sonora.
09:11	Não possui.	<i>Takes</i> de crianças jogando bola em meio ao lixão.	Sonora do vídeo.
09:28	Tradução de fala.	Retorna com fragmentos da entrevista com o engenheiro onde só ele aparece (plano médio), intercalando com vídeos do local (plano geral).	Sonora da entrevista.
10:20	Não possui.	Vídeos do lixão e arredores intercalados com vídeos mostrando o povo de Gana.	Locução em <i>off</i> (UFO)
10:53	Tradução de fala.	Retorna com fragmentos da entrevista com o engenheiro no qual o apresentador também aparece (plano médio).	Sonora da entrevista.
11:43	Não possui.	<i>Take</i> sem plano médio do apresentador (Coeli) fazendo locução em meio ao lixão.	Sonora do vídeo.
12:20	Não possui.	<i>Takes</i> em plano médio do apresentador (UFO) fazendo locução em meio ao lixão.	Sonora do vídeo.
12:36	Tradução de fala.	<i>Takes</i> do povo de Gana cantando música que fala sobre a situação da vida deles com toda essa poluição e condições precárias.	Sonora do vídeo.
13:04	Tradução de fala.	Entrevista com trabalhador do lixão, intercalando com vídeos do local.	Sonora da entrevista e dos vídeos.
15:40	Não possui.	Vídeos mostrando o cotidiano do local (plano médio).	Trilha sonora.
16:10	Avisando a entrada do intervalo.	Chamada de intervalo.	Música tema (Música da banda “Fresno – A prova de balas”).
2º BLOCO			

16:16	Avisando a volta do programa.	Abertura do 2º bloco com vídeos do local e a logo do programa ao final.	Música tema (Música da banda “Fresno – A prova de balas”).
16:24	Não possui.	Vídeos do lixão e arredores intercalados com vídeos do local gravados de dentro de um carro em movimento (plano médio).	Locução em off (Coeli)
16:56	Tradução de fala e nome do entrevistado.	Vídeos de entrevista em plano médio com um representante (<i>OwusuAnsak</i>), da única empresa (<i>Presank</i>), que faz a reciclagem do lixo eletrônico dos aterros de Gana, intercalados com vídeos do local.	Sonora da entrevista.
18:12	Não possui.	<i>Takes</i> em plano médio do apresentador (UFO) fazendo locução em aos depósitos de coleta e separação da empresa.	Sonora do vídeo.
18:40	Tradução de fala.	Retorna com fragmentos da entrevista com o representante intercalando com vídeos do local.	Sonora da entrevista.
19:46	Não possui.	Vídeos do local mostrando o processo de coleta realizado pela empresa.	Trilha sonora específica.
20:03	Não possui.	Vídeo realizado com drone onde começa com um plano médio fechado e a medida que o drone vai se afastando conseguimos ver todos os apresentadores e trabalhadores no lixão dando uma visão de plano geral.	Trilha sonora específica.
20:15	Não possui.	Vídeos do apresentador (Fran) em plano médio fazendo locução intercalados com <i>takes</i> do local.	Sonora da fala do apresentador.
20:43	Não possui.	Vídeos do apresentador (Coeli) em plano médio fazendo locução intercalados com <i>takes</i> do local.	Sonora da fala do apresentador.
21:27	Tradução de fala	Retorna para fragmentos da entrevista com o representante da empresa intercalando com vídeos do local e dos trabalhadores.	Sonora da entrevista.
22:53	Não possui.	Vídeos do apresentador (Fran) em plano médio	Sonora da fala do apresentador.

		fazendo locução em frente a uma montanha de lixo.	
23:27	Tradução de fala	Retorna para fragmentos da entrevista com o representante da empresa intercalando com vídeos do local e dos trabalhadores.	Sonora da entrevista.
24:26	Não possui.	Vídeos dos trabalhadores do lixão e dos apresentadores interagindo com os mesmos.	Trilha sonora específica.
24:55	Créditos.	Sequência de fotos	Trilha sonora específica.
26:00	Não possui.	Encerra com a logo da emissora de produção.	Trilha sonora específica.

Fonte: Autoral.

4.2.3 Os extremos no deserto dos Estados Unidos: o luxo de Las Vegas e o festival Burning Man

Data de exibição: 28/10/2016

Apresentadores: André Fran, Michel Coeli, Felipe UFO e Rodrigo Cebrian.

Produção: Felipe UFO.

Co - Produção: BASE1# Filmes.

Direção: André Fran e Michel Coeli.

Câmeras: Michel Coeli e Rodrigo Cebrian.

Fotografia: *I Hate Flash*³⁴

Duração: 27 minutos

Sinopse: Dessa vez, André Fran, Michel Coeli, Felipe UFO e Rodrigo Cebrian vão aos Estados Unidos, onde se dividem entre duas cidades com propostas opostas, ambas no deserto de Nevada. Cebrian, Fran e UFO ficam em Las Vegas, com toda a sua gama de oportunidades, seu luxo e grandiosidade que atrai milhares de

³⁴O I Hate Flash é uma empresa de fotografia e videomaker que surgiu como uma nova forma de criação de conteúdo. A idealização começou a partir de um grupo de amigos que se uniam para tirar fotos documentais nos lugares que frequentavam depois de suas faculdades e estágios. Dai em diante, esses registros evoluíram para uma empresa com mais de 30 profissionais. Disponível em: <<https://ihateflash.net/sobre>>

turistas. Já Coeli, vai para Black Rock, onde ocorre anualmente o festival *Burning Man*, considerado um movimento de contracultura, reunindo em média 70 mil pessoas por ano. A divisão da equipe proporcionou um paralelo entre as cidades: enquanto Michel dormia em barracas de camping e tomava banho de balde, o trio se hospedava em uma suíte presidencial de um hotel de luxo. Em Black Rock, as pessoas andam de bicicleta e alimentam-se com refeições veganas. Já em Vegas dirigem Ferraris e Lamborghinis a mais de 200 km/hora e comem o hambúrguer mais calórico do mundo.

Descrição a partir da Minutagem:

Quadro 6: Decupagem do episódio "Os extremos no deserto dos Estados Unidos: o luxo de Las Vegas e o festival Burning Man "

MINUTAGEM (mim)	LEGENDA	VÍDEO	ÁUDIO
00:00	Não possui.	Abertura do programa com vídeos do local (EUA) e a presença dos 4 apresentadores, e encerrando com a logo do programa.	Trilha da abertura, música tema (Música da banda "Fresno – A prova de balas").
00:15	Tradução de fala.	Vídeos de arquivo de discursos dos candidatos à presidência dos Estados Unidos.	Sonora dos vídeos.
00:34	Não possui.	<i>Takes do Monte Rushmore</i> , ponto turístico dos EUA, e seus arredores.	Trilha sonora específica.
00:57	Tradução de fala.	<i>Takes do Monte Rushmore</i> , ponto turístico dos EUA, e seus arredores.	Sonora de uma guia de viagem.
01:05	Tradução de fala.	<i>Takes da guia de viagem e sua excursão</i>	Sonora de uma guia de viagem.
01:41	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (Fran) em frente ao monte fazendo locução, intercalando com vídeos dos arredores do monte.	Sonora do apresentador.
02:34	Não possui.	Sequência de vídeos do local e de algumas experiências que os apresentadores passaram durante esse episódio com a utilização de plano médio e câmeras <i>GoPro</i> .	Trilha sono específica.

03:34	Nome do tema principal da temporada.	Uma foto dos apresentadores em preto e branco.	Trilha sonora específica.
03:38	Não possui.	Fundo preto	Sem áudio.
03:41	Não possui.	A câmera se encontra na altura do chão e o apresentador (Coeli) faz a abertura de câmera dando a ideia de “destampado”. Em seguida em vai andando em direção a uma escultura em meio ao deserto de <i>Black Rock</i> (plano geral).	Ruídos do vídeo.
03:50	Não possui.	Vídeos do apresentador (Coeli) com a utilização de uma <i>GoPro</i> fazendo locução, intercalado com vídeos do mesmo na cidade de <i>Black Rock</i> .	Sonora do apresentador.
04:37	Não possui.	Vídeos da cidade de <i>Black Rock</i> .	Locução em <i>off</i> (Coeli) sobre <i>Burning Man</i> .
05:07	Tradução de fala.	Vídeo de depoimento de participante do <i>Burning Man</i> , intercalando com imagens do festival.	Sonora do depoimento.
05:44	Localização.	Takes na cidade de <i>Las Vegas</i> .	Trilha sonora específica.
05:46	Não possui.	Vídeos da cidade de <i>Las Vegas</i> .	Locução em <i>off</i> (Fran) sobre <i>Las Vegas</i> .
05:52	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (Fran) fazendo locução, intercalados com vídeos do local.	Sonora do apresentador.
06:02	Não possui.	Vídeos da cidade de <i>Las Vegas</i> .	Locução em <i>off</i> (Fran) sobre <i>Las Vegas</i> .
06:59	Não possui.	Takes dos apresentadores em uma cobertura luxuosa em <i>Las Vegas</i> feitas com uma <i>GoPro</i> .	Trilha sonora específica.
07:09	Não possui.	Takes do apresentador (Cebrian) fazendo locução e andando pelos corredores do hotel feitos com <i>GoPro</i> .	Sonora do apresentador.
07:16	Não possui.	Vídeo de dois apresentadores (Cebrian e Fran) fazendo locução em plano médio.	Sonora dos apresentadores.
07:28	Não possui.	Vídeos da cidade de <i>Las Vegas</i> com a presença dos apresentadores.	Locução em <i>off</i> (Fran).
07:52	Não possui.	Takes do apresentador (Fran) fazendo locução em plano médio.	Sonora do apresentador.
08:10	Não possui.	A tela se divide mostrando a esquerda um	Trilha sonora específica.

		apresentador (Coeli) tomando banho no festival <i>Burning Man</i> , e a direita mostrando outro apresentador (Cebrian) fazendo o mesmo mas no hotel em <i>Las Vegas</i> .	
08:20	Não possui.	A tela da esquerda se expande ficando apenas ela, onde o apresentador (Coeli) faz locução, de dentro de uma barraca de camping, sobre o festival.	Sonora do apresentador.
08:46	Não possui.	Retorna com <i>takes</i> de <i>Las Vegas</i> .	Trilha sonora.
09:00	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (Fran) fazendo locução sobre a reutilização de água feita pela cidade de <i>Las Vegas</i> .	Sonora do apresentador.
09:40	Não possui.	Vídeo utilizando uma GoPro, do apresentador (Cebrian) fazendo locução em uma praça enquanto anda.	Sonora do apresentador.
09:51	Não possui.	Retorna para os <i>takes</i> na <i>Black Rock</i> com o apresentador (Coeli) fazendo locução e utilizando câmera <i>GoPro</i> .	Sonora do apresentador e dos vídeos.
10:07	Nome do entrevistado	Entrevista com participante do festival.	Sonora da entrevista.
10:38	Nome do entrevistado.	Entrevista com o cozinheiro do festival, Rafael Nijaim.	Sonora da entrevista.
10:45	Não possui.	Tela dividida novamente a esquerda o restaurante vegano do festival, e a direita a lanchonete com o sanduiche mais calórico do mundo, em <i>Las Vegas</i> .	Trilha sonora.
10:47	Não possui.	A parte direita da tela toma conta de todo o vídeo.	Trilha sonora.
10:49	Não possui.	Vídeos do apresentador (Fran) em plano médio em frente a lanchonete fazendo locução.	Sonora do apresentador.
11:28	Não possui.	Vídeos do apresentador (UFO) em plano médio em frente a lanchonete fazendo locução.	Sonora do apresentador.
11:50	Tradução de fala.	<i>Takes</i> dos apresentadores dentro da lanchonete mostrando como funciona, e um deles conversando com uma garçonete.	Sonora dos vídeos.
13:43	Não possui.	<i>Takes</i> dos participantes	Sonora dos <i>takes</i> .

		do <i>Burning Man</i> .	
13:46	Não possui.	Vídeos do apresentador (Coeli) fazendo locução sobre o festival e intercalando com vídeos do local.	Sonora do apresentador e dos vídeos.
14:11	Tradução de fala.	Depoimento de uma participante do festival que também faz parte da organização do festival, intercalando com imagens do festival.	Sonora do depoimento.
15:07	Não possui.	Gravações do local com <i>GoPro</i> do apresentador andando de bicicleta no local.	Trilha sonora.
15:16	Não possui.	<i>Takes</i> no festival intercalados com <i>takes</i> em <i>Las Vegas</i> .	Locução em <i>off</i> (Fran).
16:09	Não possui.	Vídeos do local.	Trilha sonora.
16:46	Não possui.	Entrevista com um brasileiro que mora atualmente em <i>Las Vegas</i> , onde os apresentadores (Fran e UFO) aparecem.	Sonora da entrevista.
18:14	Não possui.	Vídeo de um apresentador (UFO) fazendo locução e participando de uma amostra de carros velozes, utiliza-se plano médio e geral.	Sonora do vídeo.
19:23	Avisando a entrada do intervalo.	Chamada de intervalo.	Música tema (Música da banda “Fresno – A prova de balas”).
2º BLOCO			
19:26	Avisando a volta do programa.	Abertura do 2º bloco com vídeos do local e a logo do programa ao final.	Música tema (Música da banda “Fresno – A prova de balas”).
20:39	Não possui.	Vídeo do apresentador (Cebrian) em plano médio fazendo locução.	Sonora do vídeo.
21:03	Não possui.	<i>Takes</i> de <i>Las Vegas</i> e das pessoas em casinos, pontos turísticos, etc.	Trilha sonora.
21:19	Identificação do entrevistado.	Vídeo de entrevista com um empresário brasileiro que mora em <i>Las Vegas</i> a alguns anos, onde o apresentador (Fran) também aparece.	Sonora da entrevista.
23:22	Não possui.	<i>Takes</i> do <i>Burning Man</i> .	Trilha sonora.
23:49	Não possui.	<i>Takes</i> do <i>Burning Man</i> .	Locução em <i>off</i> (Coeli).
24:03	Não possui.	Vídeo do apresentador (Coeli) em plano médio	Sonora do apresentador e dos vídeos.

		feitos com GoPro fazendo locução, intercalados com takes do festival.	
24:47	Não possui.	<i>Takes do Burning Man</i> em seu momento final e de <i>Las Vegas</i> .	Locução em off (Coeli).
25:47	Créditos.	Sequência de fotos	Trilha sonora específica.
27:00	Não possui.	Encerra-se o programa com a logo da emissora de produção.	Trilha sonora específica.

Fonte: Autoral.

4.2.4 “O México na era Donald Trump”

Data de exibição: 12/05/2017

Apresentadores: André Fran, Michel Coeli, Felipe UFO e Rodrigo Cebrian.

Produção: Felipe UFO.

Direção: André Fran e Michel Coeli.

Co- produção: BASE 1 # Filmes.

Câmeras: Michel Coeli e Rodrigo Cebrian.

Duração: 28 minutos

Sinopse: Neste episódio a equipe resolveu visitar o país que está no centro das atenções do mundo na era Trump, dividindo-se para visitar os dois lados. No lado americano, Rodrigo Cebrian foi de carro até onde pôde e percorreu a pé uma trilha feita por muitos mexicanos que trabalham nos Estados Unidos para rever a família. O muro fica no Parque da Amizade (*Friendship Park*), um parque nacional, onde é preciso seguir regras como não passar dinheiro, comida ou documentos. No lado do México, em Tijuana, o muro fica na área mais movimentada da cidade. Na fronteira, os rapazes presenciaram reencontros emocionantes. Como o pai que trabalha há quatro anos nos Estados Unidos, desde que a filha ainda era um bebê, e só consegue vê-la uma vez por semana, através da cerca que separa os dois países. Também o de uma mãe que ficou 26 anos sem ver o filho e agora só o encontra uma vez por ano, também pelo muro.

Descrição a partir da Minutagem:

Quadro 7: Decupagem do episódio “O México na era Donal Trump”

MINUTAGEM (mim)	LEGENDA	VÍDEO	ÁUDIO
00:00	Não possui.	Vídeos do mar onde pode-se ver o “muro” instalado entre o México e os Estados Unidos.	Som do mar.
00:26	Não possui.	<i>Takes</i> do muro no mar, e de outras partes no qual ele percorre.	Locução em <i>off</i> (Fran) sobre o muro de Trump.
01:27	Não possui.	Vídeo em plano de médio do apresentador (Fran) fazendo locução em frente a uma parte do muro, intercalado com <i>takes</i> do local.	Sonora do apresentador.
01:52	Não possui.	<i>Takes</i> do local.	Trilha sonora.
02:47	Localização	<i>Takes</i> de Tijuana.	Trilha sonora (música mexicana).
03:10	Não possui.	Vídeo em plano de médio do apresentador fazendo locução (Cebrian), mostrando o caminho para o outro lado da fronteira, em San Diego.	Sonora do apresentador.
04:27	Tradução das falas.	Vídeos com a GoPro do apresentador (Cebrian) conversando com um mexicano no caminho. A identidade do mexicano foi preservada.	Sonora da conversa.
05:05	Não possui.	<i>Takes</i> do caminho até a fronteira pelo lado de San Diego.	Locução em <i>off</i> (Cebrian).
05:31	Não possui.	Vídeo com gravação frontal feita pelo próprio apresentador (Cebrian) fazendo locução.	Sonora do apresentador.
05:45	Não possui.	<i>Takes</i> do local.	Trilha sonora.
06:08	Não possui.	Vídeo em plano de médio do apresentador (Fran) fazendo locução na fronteira do lado de Tijuana.	Sonora do apresentador.
06:20	Não possui.	Vídeos dos apresentadores conversando pelo muro, retratando como é a realidade de muito mexicanos ali.	Sonora do vídeo.
06:52	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (Coeli) fazendo locução intercalando com <i>takes</i> do local.	Sonora do apresentador.
07:12	Tradução das falas.	Serie de depoimentos de mexicanos que sofrem	Sonora dos vídeos.

		com a realidade do muro, intercalados com <i>takes</i> do local.	
08:20	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (UFO) fazendo locução intercalando com <i>takes</i> do local.	Sonora do apresentador.
08:31	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (Fran) fazendo locução.	Sonora do apresentador.
08:33	Tradução das falas.	Depoimento de uma família de mexicanos que sofrem com a realidade do muro, intercalados com <i>takes</i> do local.	Sonora dos vídeos.
09:49	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (Fran) fazendo locução na Praça da Amizade.	Sonora do apresentador.
10:04	Tradução das falas.	Depoimento de um mexicano que sofre com a realidade do muro, e vai de tempos em tempos ver a filha, intercalados com <i>takes</i> do local	Sonora dos vídeos.
11:17	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (Cebrian) fazendo locução, intercalado com <i>takes</i> do local.	Sonora do apresentador.
12:46	Avisando a entrada do intervalo.	Chamada de intervalo.	Trilha sonora.
2º BLOCO			
12:47	Avisando a volta do programa.	Abertura do 2º bloco com vídeos do local e a logo do programa ao final.	Trilha sonora.
12:58	Não possui.	<i>Takes</i> do local.	Locução em <i>off</i> (Fran) sobre a simulação de travessia da fronteira.
13:18	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (Coeli) fazendo locução .	Sonora do apresentador.
13:28	Tradução das falas.	Entrevista com um diretor da simulação da travessia da fronteira intercalada com vídeos do local onde ela é feita.	Sonora dos vídeos.
14:22	Não possui.	Vídeos de como é a organização inicial para a simulação.	Locução em <i>off</i> (Fran).
14:58	Tradução das falas.	Serie de depoimentos de pessoas que participam da simulação ou já fizeram a real travessia.	Sonora dos vídeos.
15:46	Não possui.	Vídeo em plano médio dos apresentadores resolvendo quem ia seguir qual parte da	Sonora do apresentador.

		simulação.	
16:05	Não possui.	<i>Takes</i> da simulação mostrando seu percurso.	Sonora dos vídeos.
16:29	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (Cebrian) aparece fazendo locução, intercalado com <i>takes</i> do local e seus arredores.	Sonora dos vídeos.
16:40	Tradução de falas.	<i>Takes</i> da simulação das pessoas que vão tentar atravessar a fronteira, os imigrantes ilegais.	Sonora dos vídeos.
16:49	Tradução de falas.	<i>Takes</i> da simulação das pessoas que estão como os patrulheiros da fronteira.	Sonora dos vídeos.
16:55	Tradução de falas.	<i>Takes</i> de toda a simulação mostrando os dois lados, dos patrulheiros e dos imigrantes ilegais.	Sonora dos vídeos.
17:46	Tradução de falas.	<i>Takes</i> da simulação das pessoas que vão tentar atravessar a fronteira, os imigrantes ilegais.	Sonora dos vídeos.
17:59	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (UFO) explicando a situação da simulação.	Sonora do vídeo.
18:07	Tradução de falas	<i>Takes</i> da simulação das pessoas que estão como os patrulheiros da fronteira dando um aviso aos imigrantes ilegais.	Sonora dos vídeos
18:16	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (Coeli) fazendo locução.	Sonora dos vídeos
18:31	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (UFO) fazendo locução.	Sonora dos vídeos
18:43	Não possui.	<i>Takes</i> da simulação.	Sonora dos vídeos.
18:51	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (UFO) fazendo locução.	Sonora dos vídeos
19:02	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (Fran) fazendo locução de dentro do carro dos patrulheiros.	Sonora dos vídeos
19:24	Tradução de falas.	Depoimentos dos participantes que estão simulando a parte dos patrulheiros da fronteira.	Sonora dos depoimentos.
19:49	Não possui.	<i>Takes</i> da simulação.	Sonora dos vídeos.
19:56	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (Coeli) fazendo locução.	Sonora dos vídeos
20:03	Não possui.	<i>Takes</i> da simulação.	Trilha sonora.
20:25	Não possui.	<i>Takes</i> da simulação.	Locução em <i>off</i> (Fran)

21:21	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (Fran) fazendo locução.	Sonora do vídeo.
21:25	Tradução de fala	Vídeo do apresentador(Fran) explicando o que está acontecendo na simulação,seguido de <i>takes</i> da mesma.	Sonora do vídeo.
22:42	Não possui	Vídeo do (UFO)falando sobre a experiência da simulação ,seguido de vídeo onde aparecem falando Cebrian e Fran.	Sonoro do vídeo.
23:15	Tradução de falas	<i>Takes</i> da simulação	Locução em <i>off</i> (Coeli).
24:17	Tradução de falas	Vídeo de Cebrian e Fran falando de como a simulação é fiel à realidade, seguido de <i>takes</i> da mesma.	Sonora dos vídeos.
24:51	Tradução de falas	<i>Takes</i> da simulação no final.	Locução em <i>off</i> (Coeli)
25:39	Não possui	Vídeo o apresentador Coeli falando sobre a simulação	Sonora dos vídeos.
26:06	Tradução de falas	Vídeo de discurso de um dos responsáveis pela simulação no encerramento dela.	Sonora dos vídeos.
26:42	Não possui	<i>Takes</i> do local de encerramento e seus arredores	Trilha sonora
26:55	Créditos	Sequência de fotos	Trilha sonora
28:00	Não possui	Encerra-se o programa com a logo da emissora de produção.	Trilha sonora

Fonte: Autoral.

4.2.5 “Que mundo é esse destaca os contrastes de Moscou”

Data de exibição: 03/10/2017

Apresentadores: André Fran, Felipe UFO e Rodrigo Cebrian.

Produção: Felipe UFO.

Co – produção: BASE1# Filmes.

Direção: André Fran.

Câmeras: Rodrigo Cebrian e Pedro Serra.

Duração: 27 minutos

Sinopse: A Moscou de muitos contrastes é visitada pelos apresentadores do programa que mostram o antigo Hotel Moscou que hospedou, importantes líderes mundiais e possivelmente foi um dos edifícios mais monitorados da antiga União Soviética. Próximo do monumental túmulo de Lenin e da Praça Vermelha, bem no centro da cidade de Moscou, o prédio foi quase que todo demolido e reconstruído, sofreu uma grande reforma no início dos anos 2000. E também foi apresentada a parada militar do Dia da Vitória, no dia 9 de maio.

Descrição a partir da Minutagem:

Quadro 8: Decupagem do episódio “Que mundo é esse destaca os contrastes de Moscou”

MINUTAGEM (mim)	LEGENDA	VÍDEO	ÁUDIO
00:00	Não possui	<i>Takes</i> do local focando em pontos turísticos.	Trilha sonora.
00:24	Não possui.	<i>Takes</i> do local focando em pontos turísticos com crenas do povo russo, artistas de rua.	Locução em off (FRAN) sobre a Rússia.
01:18	Tradução de falas.	<i>Takes</i> de diversos fragmentos da temporada, nos quais fica visível a experiência dos apresentadores.	Trilha sonora e sonora de alguns vídeos.
02:02	Não possui.	Vinheta de abertura do programa com <i>takes</i> do local, nos quais os apresentadores aparecem.	Trilha sonora.
02:17	Não possui.	<i>Takes</i> do local com a presença dos apresentadores - Praça Vermelha, Centro de Moscou.	Locução em off (Cebrian) sobre o Dia da Vitória, tradição russa.
02:46	Não possui.	<i>Takes</i> dos apresentadores em plano médio dentro de um quarto.	Trilha sonora.
02:51	Nome e <i>user</i> das redes sociais dos apresentadores.	<i>Take</i> do apresentador (Fran) em plano médio fazendo locução	Sonora do apresentador.
03:08	Não possui.	<i>Takes</i> da cidade de Moscou, de dentro do carro em movimento	Trilha sonora.
03:22	Relato sobre quantas horas faltam para o Dia da Vitória.	<i>Takes</i> da Praça Vermelha do Centro de Moscou.	Trilha sonora.
03:27	Nome do apresentador.	Vídeo frontal, gravado pelo apresentador	Sonora do apresentador.

		Cebrian, onde o mesmo faz locução na praça.	
03:34	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador fazendo locução na praça, em frente ao Hotel Moscou.	Sonora do apresentador.
04:03	Tradução das falas.	Vídeo dos apresentadores chegando ao hotel e conversando com um trabalhador.	Sonora do vídeo.
04:36	Não possui.	<i>Takes</i> dos apresentadores andando pelo hotel.	Locução em <i>off</i> (Cebrian) Sobre o hotel.
05:00	Nome do entrevistado.	Entrevista com o gerente do hotel, Thiago Costa, brasileiro. Aparecem também os apresentadores e a entrevista ocorre durante um tour pelo hotel.	Sonora da entrevista.
06:01	Não possui	<i>Takes</i> da praça, intercalados por outros de pessoas na praça, direto do terraço do, hotel.	Trilha sonora.
06:12	Não possui.	Retornam fragmentos da entrevista com o gerente do hotel.	Sonora da entrevista.
09:37	Tempo "Dia da Vitória".	Fundo preto.	Trilha sonora.
09:49	Não possui.	<i>Takes</i> da praça mostrando todos e a imprensa pronta para cobrir o "Dia da Vitória".	Trilha sonora.
09:55	(hora).	<i>Takes</i> da praça, dos carros do exército e os arredores.	Locução em <i>off</i> (Cebrian) sobre o "Dia da Vitória".
10:06	Não possui.	Vídeo frontal do apresentador Cebrian, fazendo locução dentro do hotel, intercalado com imagens da praça.	Sonora do apresentador.
10:24	Não possui.	<i>Takes</i> dos apresentadores Fran e Cebrian, na praça em meio aos hóspedes do hotel e oficiais da polícia.	Sonora do apresentador.
10:46	Não possui.	<i>Takes</i> dos apresentadores dentro do hotel.	Sonora dos vídeos.
11:00	Não possui.	<i>Takes</i> do apresentador Cebrian, indicando o local começou o Dia da Vitória ela janela do hotel.	Sonora dos vídeos.
11:19	Não possui.	<i>Takes</i> do exército na Praça Vermelha.	Trilha sonora.
11:31	Não possui.	<i>Takes</i> do exército na Praça Vermelha, seguido de <i>takes</i> do apresentador dentro do hotel fazendo locução.	Sonora do apresentador.
11:45	Indicador de hora.	<i>Takes</i> dos carros e dos	Trilha sonora.

		oficiais do exército chegando à praça vermelha.	
12:11	Tradução da fala.	Gravação da tela de um celular através do qual os apresentadores estão assistindo a transmissão ao vivo no <i>Facebook</i> de um canal russo, intercalada com comentários dos apresentadores.	Sonora do vídeo.
12:33	Não possui.	<i>Takes</i> da população assistindo a passagem dos tanques do exército, apresentador FRAN fazendo a locução.	Trilha sonora.
12:47	Não possui.	<i>Takes</i> da população assistindo a passagem dos tanques do exército.	Trilha sonora.
13:22	Indicando hora.	<i>Take</i> do apresentador (Fran) na praça falando sobre o término do desfile.	Sonora do vídeo.
13:32	Não possui	<i>Takes</i> da população assistindo a passagem dos tanques da exército ,apresentador FRAN fazendo a locução da janela do hotel.	Locução em <i>off</i> (Fran)
13:55	Tradução das falas.	Entrevista com jornalistas russos sobre como é cobrir o Dia da Vitória.O apresentador aparece também.	Sonora da entrevista
14:48	Não possui.	<i>Takes</i> da Praça Vermelha, lotada de pessoas. Intercalados com vídeos dos apresentadores andando pelas ruas de Moscou.	Locução em <i>off</i> (Cebrian)
15:16	Não possui.	<i>Takes</i> da Praça Vermelha, lotada de pessoas. Intercalados com vídeos dos apresentadores andando pelas ruas de Moscou.	Locução em <i>off</i> (Fran).
15:36	Tradução da fala.	Depoimento de russos que participaram da marcha.	Sonora de depoimento.
15:54	Não possui.	<i>Take</i> em plano médio do apresentador fazendo locução na Praça Vermelha.	Sonora do apresentador.
16:08	Não possui.	Vídeo dos apresentadores fazendo locução na praça enquanto andam pelas ruas(UFO e Cebrian).	Sonora do apresentador.
16:24	Não possui.	<i>Takes</i> da marcha.	Trilha sonora.

16:37	Indicando intervalo.	Chamada para o intervalo	Trilha sonora.
2º BLOCO			
16:44	Indicando a volta do programa.	<i>Takes</i> da marcha lotada e seus arredores.	Trilha sonora.
17:12		<i>Takes</i> dos apresentadores andando em volta da marcha.	Sonora dos vídeos.
17:36	Não possui.	<i>Takes</i> da marcha onde aparece a população uma "corda" de oficiais à frente.	Trilha sonora.
18:02	Não possui.	<i>Takes</i> da passeata.	Locução em <i>off</i> (Fran) sobre a passeata intercalada com sonora dos vídeos.
18:36	Não possui.	Vídeo frontal do apresentador (Cebrian) andando em meio à marcha enquanto faz a locução.	Sonora do vídeo, seguida de trilha sonora.
19:05	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador fazendo locução ao lado da rua onde acontece a passeata.	Sonora do vídeo
19:19	Não possui.	Vídeo frontal do apresentador (UFO) à frente da marcha fazendo locução, intercalando com vídeos da marcha.	Sonora do apresentador e dos vídeos.
19:50	Não possui.	Vídeos da marcha mostrando as pessoas.	Locução em <i>off</i> (Cebrian).
20:01	Não possui.	Vídeo frontal dos apresentadores (Cebrian e UFO).	Sonora do vídeo
20:10	Não possui	<i>Takes</i> da marcha e das pessoas em direção à Praça Vermelha.	Trilha sonora.
20:51	Não possui	Vídeo frontal do apresentador fazendo locução em meio ao povo, em direção à Praça Vermelha.	Sonora do Vídeo.
22:03	Não possui	<i>Takes</i> da população russa na Praça Vermelha (plano geral).	Trilha sonora.
22:26	Não possui	Vídeo em plano médio do apresentador fazendo locução na Praça Vermelha sobre a marcha.	Sonora do vídeo.
22:42	Não possui.	Depoimento de russo que participou da marcha como voluntário, em plano médio.	Sonora do vídeo.
23:21	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (UFO), fazendo locução em frente à Praça Vermelha, intercalado com <i>takes</i> da	Sonora do vídeo.

		marcha.	
23:42	Não possui.	<i>Takes</i> da marcha das pessoas na Praça Vermelha.	Trilha sonora.
24:07	Indicação de hora.	Video em plano médio do apresentador (Fran) em movimento fazendo locução, intercalado com <i>takes</i> do local e seus arredores.	Sonora do vídeo seguida de trilha sonora.
24:48	Não possui.	Video frontal dos apresentadores (Cebrian e Fran) na Praça Vermelha no meio das pessoas fazendo locução.	Sonora do vídeo.
26:12	Não possui.	<i>Takes</i> do local intercalados com fragmentos dos próximos episódios.	Locução em <i>off</i> sobre os próximos episódios sobre a Rússia.
26:32	Não possui.	<i>Takes</i> do local e das experiências que os apresentadores ali vivenciaram.	Trilha sonora.
26:36	Créditos	<i>Takes</i> do local e das experiências que os apresentadores ali vivenciaram.	Trilha sonora.
27:00	Não possui.	Encerra com a logo da emissora de produção.	Trilha sonora específica.

Fonte: Autoral.

4.2.6 “A separação cultural e ideológica entre a Coreia do Norte e do Sul”.

Data de exibição: 10/04/2018

Apresentadores: André Fran, Felipe UFO e Rodrigo Cebrian.

Produção: Felipe UFO.

Co-produção: BASE1# Filmes.

Direção: André Fran.

Câmeras: André Fran, Felipe UFO e Rodrigo Cebrian.

Duração: 26 minutos.

Sinopse: A equipe do programa desembarca na Coreia do Norte. Filma às escondidas e de maneira improvisada. André Fran, Felipe UFO e Rodrigo Cebrian mostram a estranha rotina de uma viagem de turismo no país mais fechado do

mundo. O tempo todo, são acompanhados por guias, com um roteiro pré-estabelecido pela agência de turismo norte-coreana, vão revelando aspectos da realidade de Pyongyang, capital do país. Fazendo um contraponto neste mesmo episódio mostram a chegada à Coreia do Sul, mostrando suas luzes, cores, anúncios e um trânsito totalmente diferente do país vizinho

Descrição a partir da Minutagem:

Quadro 9: Decupagem do episódio “A separação cultural e ideológica entre a Coreia do Norte e do Sul”.

MINUTAGEM (mim)	LEGENDA	VIDEO	ÁUDIO
00:00	Tradução de fala.	Vídeo de arquivo de diversas notícias sobre a Coreia.	Sonora dos vídeos, seguida de sons de sirene.
00:37	Indicador de localização.	<i>Takes</i> do Monumento da Reunificação.	Trilha sonora.
00:52	Não possui	Aos poucos a câmera aproxima-se do Monumento.	Locução em off (Cebrian e Fran)
02:09	Não possui	Sequência de <i>takes</i> apresentando monumentos e pessoas.	Sons de sirenes.
02:37	Tema da temporada: "Coreias uma guerra de narrativas".	<i>Takes</i> dos apresentadores no aeroporto. Gravações com idéia de câmera frontal num GoPro.	Trilha sonora.
02:52	Nome do apresentador	Vídeo em gravação frontal, onde o apresentador faz locução intercalada com imagens dos painéis do aeroporto.	Sonora do vídeo
03:52	Indicador de localização	<i>Takes</i> com imagens do local intercaladas com imagens de mapas e do avião.	Locução em off (Fran)
04:13	Não possui	Imagens do apresentador andando.	Locução em off (Fran).
04:19	Nome do apresentador	<i>Takes</i> com câmera frontal com imagens do apresentador, intercaladas por imagens do rio que separa as duas Coreias.	Locução em off (Fran).
04:35	Não possui	<i>Takes</i> com imagens da ponte que foi bombardeada pelos americanos durante a guerra da Coreia.	Locução em off (UFO) e trilha sonora.
04:52	Não possui	.Câmera frontal e	Sonora do vídeo e

		imagens do local que é o ponto mais próximo da Coreia do Norte que se pode chegar.	locução.
05:05	Não possui	Imagens da ponte e do rio.	Trilha sonora.
05:08	Não possui	Takes com imagens do aeroporto e de pessoas.	Locução em <i>off</i> (Cebrian).
05:23	Tradução de falas	<i>Takes</i> da aeromoça pedindo para não tirar fotos.	Sonora do vídeo.
05:25	Tradução de falas	Vídeo com Gravação frontal (Cebrian), aparece também outro apresentador na cena dentro do avião.	Sonora do vídeo.
05:52	Não possui	Imagens feitas de dentro do avião mostrando paisagens locais.	Trilha sonora.
05:55	Indicador de localização	<i>Takes</i> com gravação frontal aparecendo o apresentador UFO, fazendo locução a estátua de Mao Tsé Tung e a estação de trem.	Sonora do vídeo.
06:20	Não possui	Takes com imagens de trens e pessoas na estação.	Locução em <i>off</i> (UFO).
06:25	Não possui	<i>Takes</i> com imagens mostrando o apresentador UFO no trem e imagens feitas da janela do trem mostrando paisagens locais.	Locução em <i>off</i> (UFO).
06:45	Tradução de fala	Imagens do apresentador e de funcionário do trem.	Sons de fala
06:58	Indicadores de localização	<i>Takes</i> com imagens da ponte e do rio , imagens frontais do apresentador.	Trilha sonora.
07:12	Não possui	<i>Takes</i> com imagens de painéis que mostram fotos dos grandes líderes.	Locução em <i>off</i> (UFO)
07:16	Não possui	<i>Takes</i> com imagens dos guias e de lugares onde levaram o apresentador.	Locução em <i>off</i> (UFO)
07:42	Tradução de fala	O apresentador e o guia conversando.	Sonora do vídeo.
07:47	Não possui	O apresentador e a guia dançando de forma descontraída.	Música.
07:54	Indicadores de localização.	<i>Takes</i> com imagens do primeiro local pré-determinado no roteiro: uma escola primária.	Locução em <i>off</i> (UFO) e trilha sonora.
08:00	Tradução de falas	<i>Takes</i> com imagens da guia e da representante da escola primária.	Sonora do vídeo.
08:15	Não possui.	<i>Takes</i> com a guia mostrando a decoração da escola, de forma	Risos.

		descontraída.	
08:18	Não possui.	<i>Takes</i> mostrando crianças tocando um instrumento musical parecido com um violino, intercalados com crianças dançando.	Locução em <i>off</i> (UFO)
09:18	Para sonora do apresentador	Vídeo de câmera frontal do apresentador (UFO), fazendo locução sobre apresentação de dança das crianças intercalada com vídeos da dança.	Música que as crianças estão dançando e sonora do apresentador.
09:39	Indicador de localização	<i>Take</i> da janela do avião e do percurso até Pyongyang	Locução em <i>off</i> (Fran) sobre a fiscalização para entrar na Coreia do Norte.
10:19	Não possui	Vídeo em câmera frontal do apresentador (Fran) fazendo locução sobre o hotel onde eles estão hospedados, seguidos de vídeos de dentro do elevador.	Sonora do vídeo.
10:56	Não possui	Vídeos feitos com <i>GoPro</i> pelo apresentador (Cebrian) da janela do prédio onde fez a locução.	Sonora do vídeo.
11:14	Indicador de localização	Vídeos do local feitos da janela do hotel.	Locução em <i>off</i> (UFO)
11:30	Tradução da fala e indicador de localização	Vídeo de conversa entre o guia e o apresentador (UFO) sobre Sinuiju, seguida de vídeos dele mostrando o lugar.	Sonora do vídeo
12:23	Não possui.	Vídeo em plano médio do apresentador (UFO) em frente à estação de trem.	Sonora do vídeo.
13:21	Tradução de fala	<i>Takes</i> do percurso de trem até Pyongyang	Trilha sonora.
13:37	Tradução de fala	Vídeo frontal com <i>GoPro</i> do apresentador (Cebrian), intercaladas com <i>takes</i> da cidade.	Sonora do vídeo.
13:53	Tradução de fala	Vídeos do jantar deles na Coreia do Norte com as guias, tentando conquistar a confiança delas.	Locução em <i>off</i> (Cebrian)
15:32	Tempo (dia 2) , indicador de localização e tradução de fala.	Vídeos dos apresentadores dentro do hotel.	Sonora do vídeo.
15:51	Não possui	<i>Takes</i> da viagem, dentro do hotel, na van exclusiva deles, nas ruas, chegando à biblioteca pública.	Locução em <i>off</i> (Fran) sobre como era viajar como turista pela Coreia do Norte.
16:39	Tradução de fala	<i>Takes</i> deles chegando à biblioteca de Pyongyang, onde o apresentador faz locução em plano médio	Sonora do vídeo.

17:05	Tradução de fala	<i>Takes</i> do povo na biblioteca e das guias explicando o funcionamento do lugar.	Sonora do vídeo.
17:35	Tradução de fala	Vídeo em plano médio do apresentador (Fran) dentro da biblioteca, com <i>takes</i> das guias.	Sonora do vídeo.
18:23	Tradução de fala	Vídeo em plano médio do apresentador (UFO) explicando que em todas as salas da biblioteca há fotos dos grandes líderes.	Sonora do vídeo.
18:26	Tradução de fala	Vídeos dos apresentadores mostrando como os coreanos aprendem música e encontra um cd de Dorival Caymmi	Sonora do vídeo.
19:10	Não possui	<i>Takes</i> de outras partes da biblioteca.	Sonora do vídeo.
19:35	Não possui	<i>Takes</i> dos apresentadores andando pela biblioteca com as guias.	Locução em <i>off</i> (Cebrian)
19:54	Tradução de fala	Vídeo em plano médio frontal, com <i>GoPro</i> , onde o apresentador faz locução, seguida de <i>takes</i> de salas de onde ocorrem aulas de inglês.	Sonora do vídeo.
20:47	Não possui	<i>Takes</i> dos apresentadores saindo da biblioteca seguindo em visita à estátuas dos grandes líderes.	Locução em <i>off</i> (Cebrian)
21:22	Tradução de fala.	<i>Takes</i> feitos por <i>GoPro</i> no lugar de adoração às estátuas ,com locução do apresentador (Cebrian).	Sonora dos vídeos.
24:51	Tradução de falas.	<i>Takes</i> do próximo episódio.	Sonora do vídeo.
25:02	Créditos.	Sequência de fotos.	Trilha sonora.
26:00	Não possui.	Encerra-se o programa com a logo da emissora de transmissão.	Trilha sonora.

Fonte: Autoral.

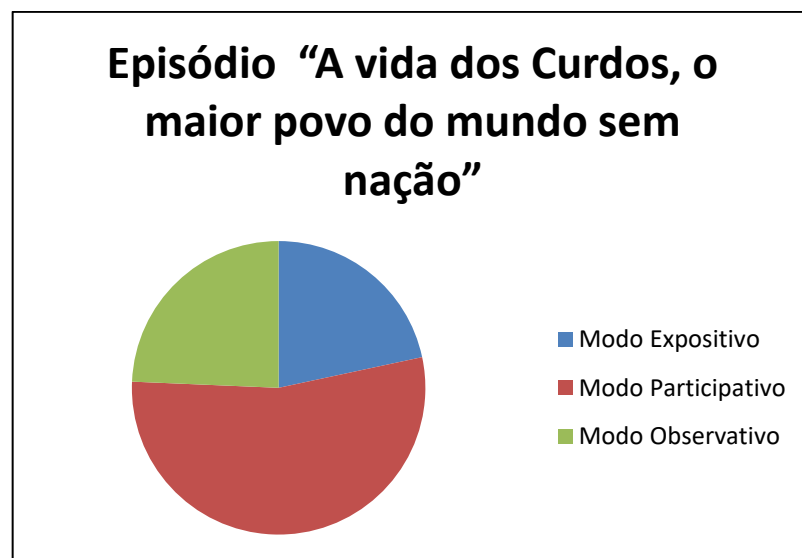
4.3 Discussão de resultados

Os gráficos, assim como os quadros, constituem elementos da linguagem universal. São formas de apresentar dados para descrever informações de forma objetiva, a fim de produzir no público uma impressão mais rápida do assunto tratado. Atualmente esses recursos ocupam um papel importante tanto nos meios comunicação falada quanto na comunicação escrita. Desta forma, este recurso

viabiliza a organização de dados coletados, empregando números para descrever fatos. Por isso, nos valemos deste recurso para organizar os dados resultantes da nossa pesquisa.

Baseado nos resultados da decupagem dos seis episódios selecionados, podemos perceber que o programa utiliza com maior frequência de recursos de três modos de representação de documentário, são eles: o expositivo, o participativo e o observativo. Para uma melhor visualização dos resultados da análise, construímos gráficos para demonstrar, a ocorrência aproximada de cada modo por episódio.

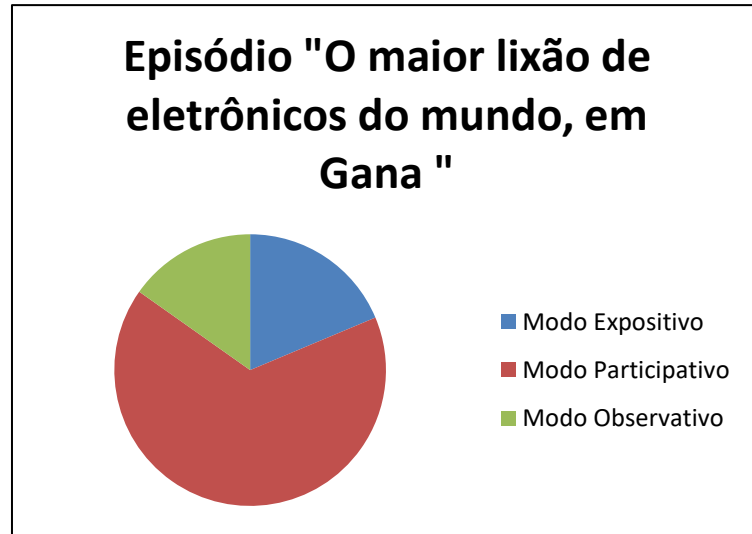
Gráfico 1: Demonstrativo da ocorrência dos modos representativos.



Fonte: Autoral

No gráfico acima, podemos verificar que no episódio, “A vida dos curdos, o maior povo do mundo sem nação” variados recursos de representação foram utilizados, porém há a predominância de recursos do modo participativo. São exemplos disso, a utilização de várias entrevistas, de depoimentos e a participação dos apresentadores com o tema e as pessoas envolvidas.

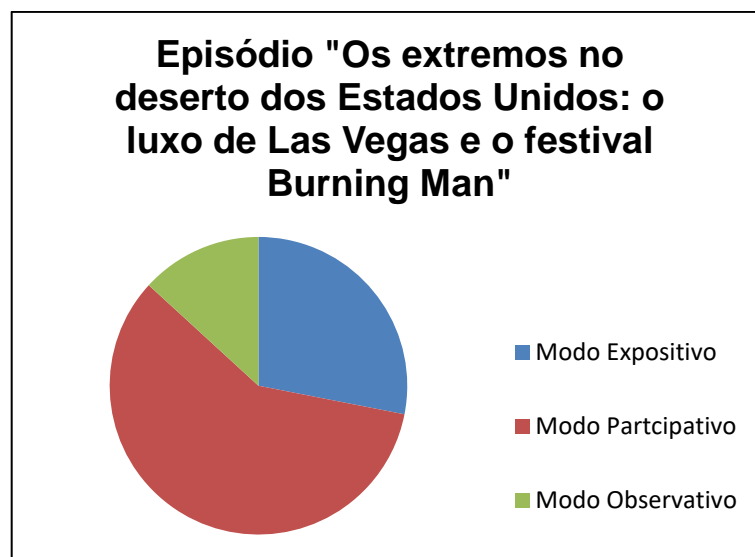
Gráfico 2: Demonstrativo da ocorrência dos modos representativos.



Fonte: Autoral

Ao observarmos a representação dos dados coletados após decupagem do episódio "O maior lixão de eletrônico do mundo, em Gana" verificamos que foram utilizados recursos que caracterizam outros modos de representação, mas ainda assim sobressaem aqueles característicos do modo participativo, inclusive aumentando a participação dos apresentadores e sua interação com as pessoas envolvidas no tema do programa.

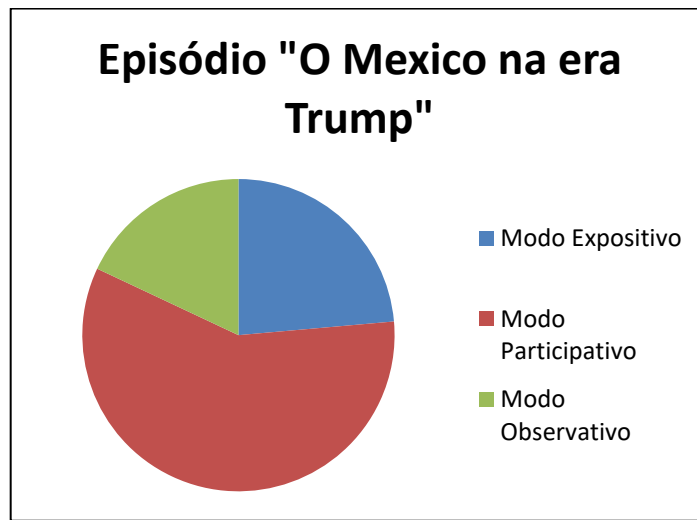
Gráfico 3: Demonstrativo da ocorrência dos modos representativos.



Fonte: Autoral.

Verificando os resultados da decupagem do episódio “Os extremos no deserto dos Estados Unidos: o luxo de Las Vegas e o festival Burning Man”, percebemos que embora ocorra aumento da utilização dos recursos do modo expositivo, por exemplo, a locução em *off*, que é empregada diversas vezes, o modo participativo predomina.

Gráfico 4: Demonstrativo da ocorrência dos modos representativos.



Fonte: Autoral.

Observamos os resultados da decupagem do episódio "O Mexico na era Trump", e com isso percebemos que neste documentário também ocorreu um aumento da utilização dos recursos do modo expositivo, porém, ainda assim o modo participativo predomina.

Gráfico 5: Demonstrativo da ocorrência dos modos representativos.



Fonte: Autoral.

Tendo em vista os aspectos observados na análise do episódio “Que mundo é esse destaca os contrastes de Moscou” percebe-se que enquanto o uso dos recursos do modo observativo permanecem quase que inalterados , aumenta a ocorrência de recursos do modo expositivo e há o predomínio do modo participativo, com visível aumento do emprego dos seus recursos

Gráfico 6: Demonstrativo da ocorrência dos modos representativos.



Com a análise deste episódio, foi possível perceber que os recursos do modo observativo são bem menos utilizados do que os outros modos. Em comparação com os outros episódios, este modo permanece mais uma vez quase que inalterado. Verificamos que há certo aumento na ocorrência de recursos do modo expositivo, mas continua visível o aumento do emprego dos recursos do modo participativo.

Gráfico 7: Demonstrativo da ocorrência dos modos representativos no programa inteiro.



Fonte: Autoral.

A partir da observação e análise dos dados coletados, os mesmos foram organizados nos gráficos, o que nos propiciou verificar a ocorrência do modo expositivo de representação e a coexistência de outros modos nos episódios selecionados. Percebemos também que o modo participativo é utilizado diversas vezes em todo o programa, o que deixa claro como seus apresentadores interagem com a cultura e o cotidiano por onde passam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou entender que a história do documentário está estreitamente ligada à história do cinema mundial. Com isso pôde-se perceber que este herdou do cinema uma nova forma de fazer asserções sobre o mundo, partindo de uma postura ética do diretor /documentarista em relação aos sujeitos sociais. Com isso a produção do documentário torna-se uma matéria de reflexão, a forma de diálogo entre o filme e os sujeitos sociais envolve o espectador de tal forma que o faz refletir.

Para tanto os documentários são concebidos a partir de uma ótica que faz com que sejam retratados a partir de seis modos de representação: expositivo, participativo, poético, performático, observativo e reflexivo. Tomando como objeto de estudo o programa “Que mundo é esse?”, partimos da hipótese que este programa apresentaria uma tendência de exploração dos recursos do modo expositivo na realização de documentário.

Para se atingir uma compreensão dessa realidade, definiram-se quatro objetivos específicos. O primeiro de empreender um estudo teórico sobre gêneros e formatos televisivos, e em específico do gênero de documentário. Demandou extensa pesquisa bibliográfica, na qual, percebeu-se que o programa realmente se enquadra em tal gênero, conforme a sua emissora de produção o classifica.

Tal procedimento também contemplava o segundo objetivo, que era realizar um levantamento histórico do gênero do documentário na televisão brasileira, do canal *Globo News* e do programa *Que Mundo É Esse?*. Isso nos levou ao terceiro objetivo, analisar um episódio de cada temporada do programa, totalizando seis episódios. Nesta análise foram levantados os recursos de linguagem utilizados para sua produção buscando destacar o modo expositivo, a fim de verificar a hipótese levantada.

Os dados coletados pelo processo de decupagem por minuto foram registrados em tabelas, sendo feito uma para cada episódio selecionado. Os resultados dessa análise foram demonstrados em gráficos, contemplando nosso quarto objetivo.

A partir da análise dos dados, foi possível perceber que o programa *Que Mundo É Esse?* traz em sua forma de produção as “vozes” tratadas por Nichols, demonstradas através das formas de abordagem que fazem os seus produtores. No decorrer da análise com o processo de decupagem através de minutagem, pôde-se perceber que existe a utilização de vários recursos característicos do modo expositivo conforme hipótese levantada, porém também são utilizados recursos do modo observativo e, principalmente, do modo participativo, como por exemplo, entrevistas, depoimentos, momentos de interação entre os apresentadores e pessoas envolvidas no tema objeto dos episódios.

Ao analisarmos os dados dos episódios selecionados, observamos que os recursos da linguagem utilizados caracterizam os modos observativo, expositivo e o participativo. Podendo-se contar com a objetividade característica do modo expositivo, percebendo também a sintonia perfeita entre a imagem e a mensagem. Também conseguimos depreender que os documentaristas buscam captar a realidade, retratando-a de forma que não haja descaracterização da mesma.

Contudo, ocorrem com maior frequência, recursos como a inserção de entrevistas, depoimentos, ou seja, recursos esses onde há uma maior participação da equipe, nos quais apresentadores tornam-se agentes e atores no processo de gravação, de filmagem, posto que, aparecem em conversas com a equipe, entrevistando habitantes, trabalhadores, guias dos países retratados.

A maior ocorrência de recursos do modo participativo fica bem visível quando usamos os gráficos como demonstrativos dos resultados das análises. Embora a ocorrência desses recursos não descarte a utilização de recursos característicos de outros modos de representação, como vemos nos demonstrativos das análises, percebemos que os episódios selecionados tem como característica principal a predominância do modo de representação participativo.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Juliano Nogueira. **Isto não é um filme de ficção: Bill Nichols e a introdução ao documentário.** Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais-Art&Sensorium, v. 1, n. 02, p. 21-29, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/233>>. Acesso em: 13 Abr. 2018

ARONCHI, José Carlos. TV e Informação. **Debate: Televisão, gêneros e linguagens**, 2006.

BAUER, M. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão**, 2002.

_____, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Editora Vozes Limitada, 2017.

BARTHES, Roland. Roland. A retórica da imagem. **O óbvio e o obtuso**, 1990.

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário - Técnicas para uma produção de alto impacto.** Tradução Saulo Krieger. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

BOECKEL, Cristina Reis. **GloboNews: o começo do jornalismo 24 horas na tv brasileira.** 2004. 94 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/813>> Acesso em: 05 Set. 2018.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; BRITTOS, Valério Cruz. Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia. **São Paulo: Paulus**, 2005.

CASTRO, Cosette. **Cartografia audiovisual brasileira: Um estudo qualitativo de TV e cinema em 2005.** 2007. Disponível em :<<https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/123456789/7952/1/Cartografia%20audiovisual%20brasileira.pdf>>. Acesso em: 08 Mai. 2018

_____, Cosette; BARBOSA FILHO, André. **Mídias Digitais: um espaço a ser construído.** UNIrevista. São Leopoldo, v. 1, n. 3, 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Cosette_Castro2/publication/267819881_Midia>

s_Digitais_um_espaco_a_ser_construido/links/5668525f08ae193b5f9fde8d/Midias-Digitais-um-espaco-a-ser-construido.pdf> Acesso em: 08 Mai. 2018

_____, Cosette. **Por que os reality shows conquistam audiência?** São Paulo: Paulus, 2006. (Questões Fundamentais da Comunicação, 7).

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 24, n. 1, 2014. Disponível em: < <http://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/10000>> Acesso em: 10 Set. 2018

CLARK, Walter; PRIOLLI, Gabriel. **O campeão de audiência.** São Paulo: Best Seller, 1991.

DIAS, Rodrigo Francisco. **Em busca da definição: Mas afinal... o que é mesmo documentário? De Fernão Pessoa Ramos.** Revista de Historia e Estudos Culturais. Vol.6 Ano VI nº 2, 2009. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Resenha_1_Rodrigo_Francisco_Dias>. Acesso em: 06 Mai. 2018

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: entre gêneros, formatos e tons.** Anais do XXX Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação-XXX NP, Universidade Católica de Santos, Santos, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0399-1.pdf>>. Acesso em: 12 Abr. 2018

_____. Elizabeth Bastos Duarte. **Televisão: ensaios metodológicos.** Porto Alegre: Sulina, 2004.

DUARTE, L. G. (1996). **É pagar para ver: a TV por assinatura em foco** (Vol. 51). Summus Editorial.

GRIERSON, John. Princípios iniciais do documentário. **Tradição e reflexões, contributos para a teoria e estética do documentário.**

FERREIRA, Raphael Campos. Telejornalismo 24 horas: Estudo da programação e proposta dos principais canais de notícias do Brasil. Rio de Janeiro, 2009 Disponível em: < <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/2251>> Acesso em 12 Set. 2018

FRÓES, Fabiana Pereira. O laboratório Globo News TV 2.0: entre aspas e a interatividade. 2008. Disponível em: < <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/1746>> Acesso em: 12 Set. 2018

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: 2002, EDUFBA.

JOST, François; DUARTE, Elizabeth Bastos; DE CASTRO, Maria Lília Dias. **Seis lições sobre televisão**. Sulina, 2004.

LABCOM, RECENSIO. RECENSIO. Revista de Recensões de Comunicação e Cultura. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 2, n. 2, 1999.

LEAL, Plínio Marcos Volponi. **Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil**. Encontro nacional de história da mídia, VII, p. 21-32, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Um%20olhar%20historico%20na%20formacao%20e%20sedimentacao%20da%20TV%20no%20Brasil.pdf>> Acesso em: 19 set. 2018.

LINS, Consuelo. O Documentário de Eduardo Coutinho – Televisão, Cinema e Vídeo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____, Consuelo. O ensaio no documentário e a questão da narração em off. **Novos rumos da cultura da mídia: indústrias, produtos, audiências**. Rio de Janeiro: Mauad X, p. 143-157, 2007.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; OROZCO GÓMEZ, Guillermo (orgs.). Anuário Obitel 2016 – (Re) Invenção de Gêneros e Formatos da Ficção Televisiva. Porto Alegre: Sulina, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/122836>> Acesso em: 19 set. 2018

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo: Summus, 2012.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

_____, Arlindo. Novos territórios do documentário. **Doc On-Line: Revista Digital de Cinema Documentário**, Covilhã, n. 11, p. 5-24, 2011. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002444475.pdf>>. Acesso em: 12 Abr. 2018

_____, Arlindo; VÉLEZ, Marta Lucía. Persistência da reality TV. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v. 36, n. 32, p. 11-41, 2009. Disponível em: http://www3.usp.br/significacao/pdf/Significacao32_1_Arlindo%20Machado.pdf. Acesso em: 08 Mai. 2018.

MARQUES DE MELO, José; DE ASSIS, Francisco. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório**. Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 39, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/698/69845297003/>> Acesso em: 08 Mai. 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. In: **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2008.

MATOS, Michele; GUERRA, Márcio. **Um novo olhar entre a realidade e a ficção: O documentário “Vinícius de Moraes” como construção criativa**. 9ª Encontro Nacional de História da Mídia – UFOP, Ouro Preto, Minas Gerais, 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historiografia-da-midia/um-novo-olhar-entre-a-realidade-e-a-ficcao-o-documentario-vinicius-de-moraes-como-construcao-criativa>. Acesso em: 04 Mai. 2018

MEMÓRIA Globo. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

MORAES, Dênis de. **Planeta Mídia – Tendências da Comunicação na Era Global**. Campo Grande: Letra Livre, 1998.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário** 5 ed. São Paulo: Papyrus, 2012.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **Globo News. 10 anos, 24 horas no ar**. São Paulo- SP, Globo Livros, 2006.

_____, Vera Íris. **O Texto na TV – Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999.

PEREIRA, Tissiana Nogueira. **Os gêneros e formatos da ficção televisiva reinventados na Ibero-América**. *Comunicação & Educação*, v. 21, n. 2, p. 155-159, 2016. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/122836>> Acesso em: 23 Set. 2018

PERES, Silvia Seles. O formato e a linguagem dos documentários produzidos sobre a cidade de São Paulo. **Anais do III Intercom Júnior–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, realizado de**, v. 29, 2007.

RAMOS, Fernão Pessoa et al. O que é documentário. **Estudos de cinema SOCINE**, p. 192, 2000. Disponível em :<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.html>>. Acesso em: 13 Abr. 2018

RIEGER, Beatriz Becker. **Telejornalismo no Brasil: Os impactos na sociedade, as transformações de linguagem e técnica, uma abordagem teórica e prática**. Rio de Janeiro: Depto. Técnicas de Comunicação ECO – UFRJ, 1997.

ROCHA, Patrício. Montagem e modos de representação no documentário de Eduardo Coutinho. **Documentário e modos De representação Do real**, p. 11. 2012. Disponível em: < <http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/4465>> Acesso: 24, Set.

RODRIGUES, Flávio LINS. Retrospectiva 2007: o Globo Repórter em transe. In: **XIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, São Paulo**. 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0282-1.pdf> Acesso em: 24, Set. 2018

RONDELLI, Elizabeth. **Realidade e ficção no discurso televisivo**. *Revista Letras*, v. 48, 1997. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19016/12326>>. Acesso em: 05 Mai. 2018

SACRAMENTO, Igor. **Imagens censuradas: o Globo Repórter e a censura à televisão—o caso Wilsinho Galiléia (1978)**. Disponível em: <

<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/4o-encontro-2006-1/Imagens%20censuradas.doc>> Acesso: 24, Set.

SANTOS, Roberto Elísio. **O show dos reality shows**. Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 30, n. 2, p. 209, 2007. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/109/102>>.

SOUZA, José Carlos Aronchi. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. Summus Editorial, 2004.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. **“10.O documentário moderno” In: História do Cinema Mundial**. MASCARELLO, Fernando (org.). Campinas: Papyrus, 2006.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Entretenimento: uma crítica aberta**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

VARGAS, Heidy, et al. **Globo-Shell Especial e Globo Reporter (1971-1983): as imagens documentarias na televisão brasileira**. 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284091>> Acesso em: 15 Set. 2018.

XAVIER, Ismail. “A decupagem clássica”. in: **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. São Paulo: Paz e Terra. pp. 27-39, 1977.

ZANDONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria Cristina. O vídeo documentário como instrumento de mobilização social. **Assis: Texto da Biblioteca Online de Ciências da Comunicação do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis**, 2003. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>. Acesso em: 06 Mai. 2018

7 ANEXOS

Anexo 1- Uma das primeiras programações do canal Globo News.

PROGRAMAÇÃO DE TERÇA A SEXTA

HORA	PROGRAMA	EXIBIÇÃO
07:00	MIT / MEIA HORA	I
07:30	VIA BRASIL	R
08:00	MIT / MEIA HORA	I / A
08:30	G CIÊNCIA, G RURAL, G ECOLOGIA, ARQUIVO N	R
09:00	MIT / MEIA HORA	R
09:30	GLOBO ENTREVISTA	R
10:00	MIT / MEIA HORA	I / A
10:20	BOM DIA BRASIL	RRG
11:00	MIT / MEIA HORA	I / A
11:30	FULANO DE TAL, REPÓRTER	R
12:00	MIT / MEIA HORA	I / A
12:30	CONTA CORRENTE	I
13:00	MIT / MEIA HORA	I / A
13:30	ENTREVISTAS BOM DIA BRASIL	I
14:00	MIT / MEIA HORA	I / A
14:30	CONTA CORRENTE	I / A
15:00	MIT / MEIA HORA	I / A
15:30	JORNAL HOJE	RRG
16:00	MIT / MEIA HORA	I / A
16:30	VIA BRASIL	I
17:00	MIT / MEIA HORA	I / A
17:30	ENTREVISTAS BOM DIA BRASIL	I
18:00	MIT / MEIA HORA	I / A
18:30	FULANO DE TAL, REPÓRTER	R
19:00	MIT / MEIA HORA	I / A
19:30	G CIÊNCIA, G ECOLOGIA, G RURAL, ARQUIVO N. P EMPRESAS	I
20:00	JORNAL NACIONAL	RG
20:30	CONTA CORRENTE	I / A
21:00	MIT / MEIA HORA	I / A
21:30	MIT / FULANO DE TAL, REPÓRTER	I
22:00	MIT / NACIONAL NEWS	I
23:00	MIT / GLOBO ENTREVISTA	I / A
23:30	CONTA CORRENTE	I
24:00	MIT / MEIA HORA	I / A
00:30	VIA BRASIL	I
01:00	MIT / ENTREVISTAS BOM DIA BRASIL	R
01:30	FULANO DE TAL, REPÓRTER	R
02:00	MIT / NACIONAL NEWS	I / R
03:00	MIT / GLOBO ENTREVISTA	I / R
03:30	JORNAL DA GLOBO	RRG
04:00	MIT / VIA BRASIL	I / R
04:30	ENTREVISTAS BOM DIA BRASIL	I / R
05:00	MIT / FULANO DE TAL, REPÓRTER	I / R
05:30	G CIÊNCIA, G ECOLOGIA, G RURAL, ARQUIVO N	I / R
06:00	MIT / GLOBO ENTREVISTA	I / R
06:30	CONTA CORRENTE	R